



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANÁLISE URBANÍSTICA DA PERIFERIA CAJAZEIRENSE: ESTUDO
SOCIOESPACIAL NO BAIRRO SÃO FRANCISCO (1980-2016)**

RENATA ARRUDA DOS SANTOS

CAJAZEIRAS - PB

2016

RENATA ARRUDA DOS SANTOS

**ANALISE URBANISTICA DA PERIFERIA CAJAZEIRENSE: ESTUDO
SOCIOESPACIAL NO BAIRRO SÃO FRANCISCO (1980-2016)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal de Campina Grande do Centro de Formação de Professores da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais como requisito do título de graduação em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Rita Uhle

CAJAZEIRAS - PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

S237a Santos, Renata Arruda dos

Análise Urbanística da periferia cajazeirense: estudo socioespacial no bairro São Francisco (1980-2016) / Renata Arruda dos Santos. - Cajazeiras, 2016.

74f.: il.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Uhle.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Crescimento urbano - história - Cajazeiras - PB. 2. Bairro São Francisco - Cajazeiras - PB. I. Uhle, Ana Rita. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 911.375.1(091)(813.3)

RENATA ARRUDA DOS SANTOS

**ANÁLISE URBANÍSTICA DA PERIFERIA CAJAZEIRENSE: ESTUDO
SOCIOESPACIAL NO BAIRRO SÃO FRANCISCO (1980-2016)**

Aprovado em 30/05/2016

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª Ana Rita Uhle (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande – CFP

Prof. Ms. Isamarc Gonçalves Lôbo (Titular)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Profª. Drª. Mariana Moreira Neto (Titular)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Profª Drª Maria Lucinete Fortunato (Suplente)
Universidade Federal de Campina Grande - CFP

Suplente externo

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, meu Senhor e Salvador, ao meu pai Jota, minha mãe Alzeni, aos meus irmãos e àqueles que se designam amigos, mas que são como anjos na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A minha mãe Alzeni, guerreira que me deu apoio, incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Por nunca desistir de mim, pois nunca mediu esforços para que eu tivesse uma boa educação e fosse uma pessoa de bom caráter.

A toda minha família, tios, primos e avós. Em especial a meu irmão Robson, que sempre estava disposto e me ajudar e incentivar quando necessário.

Aos meus amigos, Alexandra, Karina, Katiane, Thaize, Jaffna, Jennyfer, Socorro, Edilene, Auriclécia, Adriano (...) pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas. Com vocês, as pausas entre um parágrafo e outro de produção melhora tudo o que tenho produzido na vida, vocês são especiais para mim.

A Thaize especialmente, que me ajudou tanto nesses momentos finais, que teve tanta paciência comigo, foi praticamente minha coorientadora. Saiba que tenho imenso carinho por você e só lhe desejo coisas boas. Muito obrigada por tudo.

Agradeço a minha orientadora Ana Rita que teve paciência e que me ajudou bastante a concluir este trabalho. Agradeço imensamente a professora Viviane Ceballos por ter sido minha orientadora por alguns anos, que me ajudou a construir os primeiros capítulos e foi minha base, eu aprendi muito nesse período de convivência.

Aos meus entrevistados, que mesmo ocupados conseguiram um tempo para me ajudar. Foram de suma importância para mim, pois sem eles não teria concluído esse trabalho.

A pessoa que torna meus dias mais felizes, meu querido Airton, meu anjo. Com você tenho me sentido mais viva de verdade. Obrigada pelo carinho, a paciência, por me compreender tão bem, me incentivar, me alegrar em momentos difíceis e por sua capacidade de me trazer paz na correria.

A todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim contribuindo de alguma forma para que este sonho se tornasse real, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena. Muito obrigada!

LISTA DE IMAGENS

- Figura 1: Localização da área de estudo: bairro São Francisco. Fonte: Google maps18
- Figura 2: Um exemplo da ausência de infraestrutura do bairro São Francisco32
- Figura 3: Exemplo de unidades habitacionais construídas pelo governo.33

RESUMO

Objetivamos analisar o processo de formação e ocupação do bairro São Francisco, e quais as implicações estão por traz de seu surgimento. Buscamos compreender a ideia de estigma que circula em torno do bairro, que a partir de uma sugestão, teve seu nome alterado e como isso repercutiu na vida e na mentalidade das pessoas. Propomos dialogar com Silva Filho (1999), Souza (2010), Maricato (2000), dentre outros autores que versam sobre a temática. As fontes desta pesquisa serão possíveis a partir da História Oral, com a realização de entrevistas com os moradores do bairro a fim de perceber quais as representações eles possuem do bairro e de como são vistos pelos habitantes de outros bairros. Ainda, faremos uso de fotografias, artigos e livros que tratem sobre a formação e desenvolvimento da localidade.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, Bairro São Francisco; Estigma.

ABSTRACT

We aimed to analyze the process of formation and occupation of the neighborhood São Francisco, and which the implications there are behind its emergence. We seek to understand the idea of stigma around the neighborhood, that from a suggestion, had its name changed and how it reflected at people's life and mentality. We propose dialogue with Silva Filho (1999), Souza (2010), Maricato (2000), among other authors who deal with the issue. The sources of this research will be possible as from the Oral History, with interviews with residents of the neighborhood, to see what representations they have of the neighborhood and how they are seen by the inhabitants of other neighborhoods. Still, we will make use of photographs, articles and books that deal on the formation and development of the locality.

KEYWORDS: City, São Francisco Neighborhood; Stigma.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - CIDADE: ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÕES	13
1.1 História das cidades	13
1.2 História de uma cidade do sertão paraibano: Cajazeiras – PB.....	18
CAPÍTULO II - PERIFERIA DO SERTÃO PARAIBANO E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO	23
2.1 Surgimento do bairro São Francisco.....	25
CAPÍTULO III: A MEMÓRIA, A HISTÓRIA E OS ESTIGMAS	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE	45
APÊNDICE A	46
ANEXOS	53
ANEXO 1: ENTREVISTAS	54
ANEXO 2: IMAGENS	73

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o processo de formação acerca do bairro São Francisco, mais conhecido como “Asa Sul”, localizado na periferia da cidade de Cajazeiras, PB, através dos registros memorialísticos dos seus moradores. A cidade está localizada no sertão da Paraíba, no qual atua como cidade polo da região, que se destaca das cidades vizinhas influenciando as demais no campo educacional, por possuir universidades e escolas bem conceituadas. Perante o Ministério da Educação e Cultura.

O recorte temporal se aplica pelo fato de ter sido nos anos 1980 que o Brasil passou por uma crise econômica em que acarretou consequências como crescimento do desemprego e com isso a pobreza se instalou nas áreas urbanas e principalmente nas periferias. Assim, o período de análise dessa pesquisa (1980 – 2016) torna-se viável para o estudo, visto o contexto do momento e disponibilidade de dados para análise.

O interesse em pesquisar sobre o bairro São Francisco surgiu a partir do meu contato com alguns moradores e por que durante algum tempo, morei próximo ao bairro e me chamava atenção à forma como os habitantes de outros bairros tratavam ou menosprezavam aquele bairro. Sendo assim, esta pesquisa surge como uma tentativa de compreender o processo de formação e ocupação do bairro e como ele é representado pelos seus moradores.

Desconhecemos a existência de algum trabalho que trate acerca da história do bairro São Francisco, fato que justifica e ao mesmo tempo, torna complicado apresentarmos como se deu a construção dessa história. Para tanto, recorreremos a uma história da cidade de Cajazeiras e dentro dela situamos nosso objeto de pesquisa. Desta forma, nos baseamos nas reflexões de Rolim (2010), Silva Filho (1999), Albuquerque (2010) dentre outros. Para apresentarmos o processo de urbanização iremos dialogar com Maricato (2000) trata da urbanização nas periferias das metrópoles brasileiras; SÁ (1991) quando mostra a necessidade de compreender a cidade no momento em que cidades europeias começam a ser modificadas e Sposito (1989) que apresenta a urbanização como um processo complexo de organização.

Observaremos as questões sociais formadoras das cidades, no qual nos levará consequentemente a compreender os discursos sobre o modo de vida no espaço urbano

que foi construído em torno de modelos estéticos já estando impregnados no imaginário dos cidadãos. Observando também os problemas enfrentados por aqueles que hoje habitam o bairro São Francisco, sendo este um bairro periférico da cidade, no qual passou por um processo histórico onde se vê transformações ao longo desse processo de urbanização e procuraremos destacá-las.

Serão utilizados relatos orais, as entrevistas com moradores (idosos) do bairro São Francisco, fotografias do bairro, bem como também livros, artigos, que nos disponibilizará de um grande acervo de dados para nossa pesquisa. De forma a trabalharmos com as nossas fontes, utilizaremos como metodologia a História Oral.

Dividimos este trabalho em três capítulos.

No primeiro capítulo tratamos acerca do conceito de cidade e depois iremos inserir a cidade de Cajazeiras nesta discussão. Buscaremos perceber as práticas do seu cotidiano e suas modificações ao longo dos anos. A história da cidade em questão é muito importante a ser tratada antes de falar sobre os processos múltiplos que nela existem. Buscamos compreender que a cidade atua como meio de vivências entre seus cidadãos, o que decorre disso novas formas de discursos.

No segundo capítulo, trabalhamos com uma tentativa de historicizar o processo de formação e ocupação do bairro através da análise de uma entrevista realizada com o idealizador da denominação “Asa Sul”, seu surgimento, estrutura, urbanização e alguns aspectos que o caracterizam como sendo “mal” visto ou “perigoso”, no qual é uma das formas em que a população cajazeirense representa os moradores do bairro. Veremos como se deu a formação e crescimento deste bairro na periferia cajazeirense a partir de algumas imagens.

No terceiro capítulo analisamos as entrevistas com os moradores, pessoas que residiram e moradores do bairro vizinho, procurando entender a ideia de estigma presente na mentalidade das pessoas. Ainda, objetivamos compreender os prováveis motivos que impulsionaram a população a residir no bairro. Buscaremos perceber os aspectos peculiares sociais e culturais que a urbanização atribuiu ao bairro e como a mesma de modo representativo afetou a visão dos moradores do bairro São Francisco e quais foram suas consequências.

CAPÍTULO I - CIDADE: ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÕES.

1.1 História das cidades.

As cidades têm conseguido espaço no meio acadêmico, tem sido estudadas, pensadas nas suas variadas maneiras e assim, têm contribuído para a produção de conhecimento. Têm ganhado espaço na história da trajetória dos homens, por sediar as transformações do dia-a-dia das sociedades. Contudo, outros campos também reelaboram seus fios da história.

Lugar simbólico, onde se marca a história, macrocosmo social, encontro de funções e sinergia de criações, texto e discurso, a cidade atravessa as ciências humanas e fecunda artes e letras, como questão (o que é cidade?) e como problema (por que a cidade?) (DUCHET, *apud* MACHADO, 2001, p, 213).

Cabe a nós, historiadores passarmos pelo campo das buscas incessantes e aventurarmos pelo caminho das problematizações e compreensões dos desejos de liberdade e da elevação social, das pessoas que passam a enxergar na cidade um meio para atender as necessidades do homem moderno. Vejamos como Silva Filho (1999) comenta acerca do assunto,

A cidade é território do desejo, da pulsação humana, da utopia, lugar onde se constroem as identidades; lugar da elaboração das formas de consciência, lugar da razão nos planejamentos e intervenções técnicas; da irracionalidade da multidão explosiva; cenário da modernidade; território do sagrado e do profano, lugar onde estão os sujeitos históricos, os atores sociais. (SILVA FILHO, 1999, p. 81).

Assim, partimos do pressuposto que as cidades englobam diversas manifestações, que transformam o cotidiano das pessoas que habitam os centros urbanos, desta forma também se pode dizer que a cidade é palco de conflitos sociais e históricos, bem como os lugares que o homem habita. E neste sentido é passível de estudo e compreendê-las como um leque de possibilidades que está a esperar problematizações e descobertas.

Segundo o Dicionário Aurélio (2000, p. 153) Cidade se define como: “complexo demográfico formado por importante concentração populacional não agrícola e dada a atividades de caráter mercantil, industrial, financeiro e cultural; urbe; conjunto de

habitantes da cidade”. Essa é apenas uma definição em que damos o ponta pé inicial ao que se pretende abordar nesse trabalho, pois o conceito de cidade é amplo e está em constante evolução.

Antônio Clarindo Barbosa de Souza (2010) e outros historiadores vão apontar um arsenal de teóricos e conceitos sobre cidade, pois o mesmo diz que não há um só conceito e estamos nos deparando cada vez mais com novas obras. Entre tantas obras conceituadas faz menção de como as cidades são vistas, discorrendo que:

Desta maneira, as cidades são vistas como local de moradia (aglomeração); local de trabalho (concentração de atividades produtivas); local de trocas comerciais (entroncamento de vias comerciais, como se só pudesse existir cidades onde houvesse forte comércio); como local de aglomerações humanas que poderiam gerar conflitos em torno dos chamados (na teoria materialista histórica) meios de produção. Ou ainda, mais precisamente, como local de conflito e das lutas políticas em torno da existência de forças antagônicas que lutam explicitamente pelo poder político dentro das urbes [...] É a partir dos estudos do materialismo histórico, iniciados por Karl Marx e Friedrich Engels que as cidades vão passar a ser vistas como locais de conflitos sociais das diferentes classes que disputam em seu interior não apenas a produção de sua existência, mas também a conquista do poder político (SOUZA, 2010, p. 8-9).

Discorre também que muitos estudos começaram a surgir a partir dos anos de 1980 acerca de vários aspectos urbanísticos antes, não pensados por historiadores e atualmente temos muitos estudos disponíveis, tais como as reformas urbanas sobre a produção cultural dos espaços citadinos pelos trabalhadores urbanos em suas lutas por moradia e seus embates contra as novas leis republicanas no Brasil.¹

Vejamos ainda o que Paul Singer (1983, p.12) tem a dizer sobre Cidade e seu surgimento.

Esta só pode surgir a partir do momento em que o desenvolvimento das forças produtivas é suficiente, no campo, para permitir que o produtor primário produza mais que o estritamente necessário à sua subsistência. Só a partir daí é que o campo pode transferir à cidade o excedente alimentar que possibilita sua existência. [...] A origem da cidade se confunde, portanto, com a origem da sociedade de classes, a qual, no entanto, a precede historicamente.

¹ PASSOS, Pereira: um Haussman Tropical, de Jaime Larry Benchimol, 1992. CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, 2ª reimpressão da 2ª ed., 2001.

O que podemos perceber é que a cidade vai se estabelecer a partir da divisão de classes pode entender também que essa separação de classes seria a própria divisão de trabalho citada anteriormente.

Cristina Sá (1991, p.16) defende a ideia de que “a necessidade de compreender a cidade, surge a partir do momento em que cidades europeias começam a ser profundamente modificadas por um crescimento demográfico sem precedentes.”. Esse crescimento demográfico se deu pela diminuição da população rural, em que se viam praticamente obrigados a se deslocar do campo para a cidade e construir uma nova vida nesse novo espaço.

O desenvolvimento de muitas das cidades modernas está relacionado ao avanço das atividades industriais e comerciais originárias no século XVIII e ativadas a partir do século XIX, situações que foram responsáveis por injetar nos meios sociais urbanos, a cobiça pelo novo, o modismo, além de uma grandeza indeterminada de serviços, sejam eles: transportes, abastecimento de água, iluminação pública, atrativos que em muito acolheram e excitaram o consumo e a melhoria de vida de seus moradores. Nesse aspecto, o processo de industrialização apressa a urbanização e os novos equipamentos sobrevivendo desse processo industrial fazem também acelerar a vida das populações urbanas, que passam a se adaptar as transformações tecnológicas. Acerca disso, Nicolau Sevcenko adianta que:

O século XIX foi um período de avanços científicos prodigiosos, durante o qual campos completamente novos da ciência surgiram [...] O desenvolvimento tecnológico também foi espetacular – talvez mais ainda do que o científico na mente do grande público. Transporte, eletrificação, indústrias químicas, controle de doenças – a lista é infinita – estavam alterando a sociedade de modo profundo e irreversível (SEVCENKO, 1998, p. 514).

Temos também uma análise feita por Osmar Luiz da Silva Filho (1999, p.18) a esse respeito, sendo que seu trabalho focou os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do XX, discorrendo que: “as três décadas iniciais deste século, no entanto, nos fornecem outra visualização: uma representação da cidade já dividida em classes, pessoas dedicadas a comerciar, a fazer dinheiro, como também um vasto número de pessoas sem propriedade.”.

A modernização, além de trazer mudanças favoráveis também traz problemas como o aumento da violência, para alguns por não poderem marchar para o progresso assim como a *Cidade da Parahyba*², tomam um choque ao ver a urbe sofrendo transformações e com ela surgem novos ares, a civilização. Para Silva Filho (1999, p.27).

A cidade tem sido um palco dos grandes problemas da vida contemporânea, na medida em que apresenta o cenário da crise atual. Nesse cenário, estão presentes a forma pela qual a paisagem urbana é construída e organizada pelos sujeitos, historicamente, os modos de vida que são organizados, a emergente questão social, a configuração do quadro político e econômico que gerenciam esses espaços etc. Nessa perspectiva, a cidade é vista pelo historiador como um fato urbano e, mais que isso, como um fenômeno histórico, visto que ela se constrói na história.

Nesse sentido, Maria Encarnação Beltrão Sposito (1989) afirma que a urbanização como um processo, e a cidade, forma concretizada deste processo, marcam de maneira profunda a civilização contemporânea, que é muitas vezes, complicado pensar em algum período da História no qual as cidades não existiam, ou que não tiveram alguma relevância.

[...] entendemos que o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem essas transformações (SPOSITO, 1989, p. 6).

Segundo Rolim (2010), compreender a cidade como um lugar de buscas constantes das aventuras e desejos de liberdade, desenvolvimento e ascensão social, conquistas tão esperadas pelo homem moderno, que passou a ver na urbe a via para encontrar um meio de satisfazer as suas necessidades de lazer, moradia, educação, “bem como outros aspectos que representam para ele, em tese, uma melhoria de sua

² Era como se chamava a capital João Pessoa, denominada de Cidade da Parahyba ou Parahyba do Norte em 1654 após a expulsão dos holandeses, sendo denominada João Pessoa só em 1930 em homenagem ao presidente do estado da Paraíba João Pessoa de Albuquerque morto em Recife.

<http://paraibanos.com/joaopessoa/historia-nomes.htm>

qualidade de vida e onde se encontram os bens materiais e serviços necessários à sua sobrevivência” (ROLIM, 2010, p. 42).

Levando em consideração que a cidade é tema de diversos trabalhos acadêmicos, em diversas áreas do conhecimento, desde a década de 1980 ela passou a chamar atenção dos historiadores, e vem sendo estudada em seus aspectos sociais: lutas de classes, econômicos, políticos, transformações na estrutura, patrimônio cultural, etc. De acordo com Marisa Varanda Teixeira Carpintéro e Josianne Francia Cerasoli (2009, p. 69-70):

O estudo da história constitui um aporte pragmático em apoio de suas próprias pesquisas sobre “a evolução urbana” nos diferentes momentos das modificações na arquitetura, nos processos construtivos e no traçado da cidade. Nessa perspectiva, a história serve de suporte necessário e incontestável, repleto de conceitos que cristalizam no tempo, um passado fragmentado, mas possivelmente “recuperável” pelos historiadores.

De acordo com tudo que vimos no decorrer das discussões, significados, definições e surgimento sobre cidade podemos afirmar que o termo Cidade vai além de ser uma demarcação do território onde há um conjunto de habitantes, onde se trabalha e se vive melhor em decorrência de ter mais oportunidades, porém nenhuma definição dada pelos autores é definitiva, sempre surgem novas discussões que cercam o urbanismo.

Podemos então dizer que a cidade é o espaço de vivências, de intensas construções imobiliárias, ela está em constante desenvolvimento, onde a educação, trabalho, moradia, lazer, saúde, estão no topo dos mais procurados e as áreas que estão em forte crescimento no ambiente citadino; lugar aonde a modernidade chega mais rápido, é o espaço de transformações e ressignificações.

A partir dos autores citados, vemos que a cidade pode ser entendida como um fenômeno, que passa por constantes transformações em seu cotidiano, uma variedade de caminhos podem ser trilhados, ser pesquisados, seja no âmbito econômico, social, político ou demográfico, a cidade tem o sentido plural no qual a história está interconectada a ela.

Atualmente, Cajazeiras é considerada pólo educacional do sertão paraibano e com isso a mesma, vêm atravessando muitas modificações ao longo desses 152 anos de

história e aqui analisaremos essas transformações urbanísticas, sociais e culturais que essa cidade enfrenta. Tenho como objeto de pesquisa essa cidade que como muitas têm um teor de curiosidade em sua história, e principalmente um bairro em si tem muita história pra contar, o bairro São Francisco (Asa), o qual veremos no próximo capítulo.

2.1 História de uma cidade do sertão paraibano: Cajazeiras – PB



Figura 1: Localização da área de estudo: bairro São Francisco. Fonte: Google maps

A **figura 1** mostra a localização do bairro São Francisco (área destacada) que é o objeto de estudo a ser analisado, a seta indica a principal rua do bairro, a Rua Vitória Bezerra. O bairro São Francisco é um bairro da periferia cajazeirense, onde se verifica o baixo poder aquisitivo dos moradores ainda com habitações precárias e infraestrutura deficiente. Por muito tempo esse bairro foi conhecido por “Asa Sul”, caracterizado no imaginário dos moradores da cidade como um lugar de violência. Nos últimos anos é

visível a mudança de algumas áreas do bairro e conseqüentemente uma nova significação da imagem do espaço urbano.

Começamos então a tentar narrar um pouco sobre como foi construída a história de Cajazeiras. De acordo com a perspectiva de Albuquerque,

No século XVIII dava-se início ao povoamento da cidade de Cajazeiras, no qual Francisco Gomes de Brito se instalou nas terras que foram adquiridas por sesmarias em 23 de novembro de 1754 onde foi fundada a fazenda de Vital de Sousa Rolim anos mais tarde e que deu origem a cidade de Cajazeiras. Vital de Sousa Rolim recebera as terras como dote do seu casamento com Ana Francisca de Albuquerque, logo se instalou nas terras com sua esposa. Dessa união tiveram dez filhos e entre eles Inácio de Sousa Rolim nascido em 22 de agosto de 1800 o qual se tornaria padre e uma das principais figuras na educação da cidade (ALBUQUERQUE, 2010, p. 30).

O nome da cidade se deu por causa de uma árvore frutífera que tinha em bastante número pelos arredores da fazenda chamada *cajazeira*. A cidade de Cajazeiras está localizada no extremo Oeste do Estado da Paraíba. Distante cerca de 475 km da capital João Pessoa, e além de ser um dos polos comerciais e educacionais do Alto Sertão Paraibano, fato que possibilita uma contribuição significativa para a História da Paraíba e do Nordeste.

Com isso, vemos que a história da cidade de Cajazeiras se constrói a partir de tradições familiares, uma história que exalta os grandes nomes da elite local, no qual se destaca a família Rolim. Deixando de lado os outros personagens que deram a sua contribuição para a história da cidade e assim, temos uma narrativa que enfatiza a importância do padre Rolim e de como ele foi essencial para a formação e desenvolvimento educacional da cidade. De acordo com Albuquerque (2010, p.15) a cidade se desenvolve em torno do Colégio Padre Rolim, que tem ampla acuidade para a cultura e educação.

Embora, não seja objetivo deste trabalho desconsiderar a importância da família Rolim para a cidade de Cajazeiras e região, mas, isso é um fator a ser refletido pela historiografia local, que em sua maioria, continua a fazer a exaltação desta família e de outras que foram surgindo com decorrer dos processos políticos e que mais uma vez, são apontadas como os grandes heróis locais, os detentores do poder aquisitivo e isso acaba por desconsiderar os demais sujeitos, aqueles que são marginalizados

historicamente, aqueles que moram em bairros pretensiosamente caracterizados como periféricos e perigosos para a segurança e harmonia da sociedade local.

Essa memória local e tradicional influencia o discurso dos cidadãos cajazeirenses reforçando a ideia de que: “Cajazeiras foi à cidade que ensinou a Paraíba a ler”, devido à formação do colégio do Padre Rolim, a cidade atraiu um significativo número de estudantes, de modo que colaborou para o crescimento da cidade, pois pessoas vindas de outras localidades passaram a investir no comércio, assim expandindo a urbanização e investimentos imobiliários. Esse processo de modernização é percebido entre as décadas de 1980 até os dias atuais. Acerca disso, vejamos:

A cidade experimenta um momento de efervescência no que se refere ao crescimento comercial, urbano e imobiliário, processo que vem acontecendo desde os anos 1980 e, especialmente da década de 1990 até o presente. Esse crescimento urbanístico traz, em seu contexto, uma transformação nos interesses de grupos da comunidade local, em relação à preservação ou não de algumas construções arquitetônicas antigas da cidade (ROLIM, 2010, p.3).

Desta forma, os estudos que versam sobre a história da cidade de Cajazeiras, apontam que a mesma se deu a partir da educação, um processo que foi construído em torno do Pe. Rolim e sua da sua família. Atualmente, a cidade traz consigo um legado de cunho cultural e educacional. A história da cidade é considerada diferente das outras cidades da região por ter se originado a partir de uma escola, que num primeiro momento, era algo simples, mas que aos poucos foi se estabelecendo, cresceu a tal ponto que foi onde muitas figuras hoje conhecidas na história do Nordeste estudaram, a respeito disso,

Segundo Antônio de Sousa, na obra *Cajazeiras nas crônicas de um mestre escola*, há uma notável intenção de afirmar a existência de um caráter diferenciado no que se refere à história sobre a origem da cidade, especialmente em relação aos demais municípios da Paraíba, do Ceará e de Pernambuco. A construção dessa imagem das origens da cidade equipara-a apenas, ao exemplo da cidade de São Paulo, cuja origem também se deu em torno de um colégio. Seguindo essa compreensão, Cajazeiras possui uma singularidade a que nenhuma outra de seu estado se iguala (SOUSA *apud* ROLIM, 2010, p.67).

De acordo com os estudos de Rolim, foi na década de 1920 que a cidade enfrentou significativas transformações em sua área urbana e que isso foi mais acentuado com a chegada de equipamentos ditos modernos, discorrendo que:

Foi neste contexto que Cajazeiras experimentou um significativo crescimento urbanístico/populacional na década de 1920 e ganhou uma série de inovações como a chegada da luz elétrica, do cinema, do trem de ferro, do telefone e do telégrafo, da impressão de jornais locais, da prática do futebol que somados a uma série de melhoramentos urbanos e à construção de grandes casarões e prédios nas ruas centrais deixavam um ar de modernidade e de civilização, na cidade (ROLIM, 2010, p. 42-43).

Conforme Silva Filho (1999, p.288):

Notava-se grande desenvolvimento no comércio e na população do município e crescia animadamente a agricultura. Estava em construção um prédio para a cadeia pública e o quartel da polícia. Cajazeiras adquiria feições, nomes, símbolos, desejos, trocas, olhos, continuidade, vida, imagem de uma cidade.

Ainda menciona que nas décadas de 1920 e 1930 o desenvolvimento da área urbana se deu através do cultivo e comércio do algodão e do investimento dos recursos daí provenientes, melhorando as condições materiais da cidade. Com o algodão a cidade ia crescendo economicamente, aumentando as casas de comércio no centro da cidade e conseqüentemente empregos, tanto com a instalação da usina Santa Cecília como na área comercial³.

Não só adquiriu aparelhamentos modernos, mas, sobretudo em seu meio urbano, na construção civil, comércio, e com isso a população ia crescendo, adquiríamos o progresso aos poucos juntamente com a chegada do trem, e com isso as notícias através dos jornais chegavam mais rápido na cidade, cada vez mais o ar de modernidade aproximava-se do sertão paraibano.

Em Cajazeiras, nos idos de 1910, as notícias procedentes, tanto da capital da Paraíba como de Fortaleza, só chegavam dez dias após sua publicação, realidade que muda, profundamente, com a chegada do trem de ferro que passa a interligar a cidade ao estado vizinho em 1925. A partir de então, os jornais da capital cearense tendem a chegar com, no máximo, um dia e meio de atraso, o que era visto com

³ Para melhor se situar ver SILVA FILHO, 1999, p.292.

entusiasmo pelo sertanejo, em vista da situação de outrora. [...] (COSTA *apud* ROLIM, 2010, p. 60).

Sobre a chegada do trem a Cajazeiras, Silva Filho (1999, p.294) ainda acrescenta que:

O trem dinamizara o cotidiano da cidade, uma vez que fora através dele que os habitantes passaram a receber a influência de pessoas, de ideias, e das novidades das capitais mais próximas. Acresce a isso, a opção que os cajazeirenses tinham de contactar com o “celeiro da cultura”.

Com a chegada do trem, em seguida os jornais passam a ser produzidos na cidade, trazendo em si anúncios de lojas da cidade, sobre moda, notícias, etc. Entretanto, segundo Silva Filho (1999, p. 10)

Ao mesmo tempo, esta cidade convive com uma plasticidade arcaica, com velhos casarões e fileiras de casas conjugadas, com telhado em dois planos, com um quadro social ameaçador, revelado por um cinturão de pobreza muito grande em bairros como “ASA” e o conjunto habitacional “POR DO SOL”, o primeiro dominado por um intenso índice de violência”.

Podemos perceber através da argumentação de Silva Filho, que o bairro ASA é representado como um lugar de pobreza e de altos índices de violência. Porém, apesar da violência, as transformações urbanísticas também estão refletidas no bairro São Francisco, localizado na zona sul da cidade de Cajazeiras, no qual conforme a cidade foi crescendo a sociedade acabou construindo uma identidade fictícia ou até mesmo preconceituosa para seus moradores, que acabaram sendo vistos como marginais. Reconhecemos o bairro periférico como carente e violento o qual nos revela um pouco o porquê dessa construção de identidade do bairro.

A cada dia que passa as pessoas sentem por Cajazeiras um deslumbramento muito grande, atraindo tanto com seus valores e tradições em que ainda se compreende atualmente quanto na área educacional e cultural que está enriquecendo os cidadãos, onde se percebe jovens, adultos e idosos a procura do saber que as escolas e universidades proporcionam. Com isso observamos também um forte crescimento da cidade na área urbanística, no qual tais transformações são bastante visíveis.

Observando as inquietações advindas com este capítulo, se faz necessário analisar e tentar compreender como se deu o processo de ocupação e expansão do bairro e como a identidade do mesmo foi sendo construída no imaginário popular. Passemos então, para o próximo capítulo.

CAPÍTULO II - PERIFERIA DO SERTÃO PARAIBANO E AS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

Num dossiê elaborado por Anete B. L. Ivo, no qual discute sobre periferia, a autora coloca a periferia como um *lugar*, vejamos:

A periferia como o lugar a partir do qual se pode interrogar a questão social no espaço urbano. O lugar que expressa, de forma agudizada, a crise urbana e o processo recente de precarização social e das desigualdades sociais nessas cidades. Um lugar de vivência contraditória de amplos segmentos populares adensados pela expansão imobiliária e pelo disciplinamento do espaço urbano promovido poder público (IVO, 2010, p. 09).

Ainda diz que “o periférico não se constitui num espaço apartado, mas num lugar de resistência e também de inovação das condições de moradia e reprodução da vida de seus moradores, na vivência da adversidade, do medo e da violência.”. Podemos notar nos dois discursos acima citados pontos que se interligam, a adversidade, no qual os moradores da periferia enfrentam em seu dia-a-dia como a desigualdade social nos demais espaços da cidade.

Dessa perspectiva, as periferias se constituem como lugares híbridos e heterogêneos de um cotidiano compartilhado por sujeitos que vivem na adversidade e na busca por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade, como o acesso à moradia, à saúde, ao transporte, à educação e ao consumo cultural, que interagem e se mesclam com a cidade normatizada, racional, “legitimada”, ultrapassando velhas noções morais de culpabilidade da pobreza ou de territórios de riscos, que podem sugerir sentidos estigmatizados de criminalização da pobreza (IVO, 2010, p 10).

Os periféricos sentem mais a necessidade de procurar seus direitos, sendo que estão mais submetidos à pobreza e precariedade, em decorrência disto percebe-se mais

progresso nas áreas centrais e mais abastadas da cidade, no qual o poder público realiza atividades que beneficiam essas áreas mais vistas.

Os periféricos buscam por direitos iguais para todos em todos os aspectos, por terem sido discriminados pelo resto da sociedade, tanto pela pobreza do bairro em si quanto pelo que julgam certo ou errado perante a sociedade, pois tanto estão expostos a escassez de serviços prestados ao bairro - como os acima citados - que diante disso boa parte dos moradores buscam outros meios de conseguir colocar pelo menos um pão na sua mesa, sendo estes meios ilícitos, criminosos ou não, entretanto essa boa parte não é maioria ou o bairro inteiro e por isto o restante dos seus moradores sofrem o mesmo “preconceito” que seria destinado a essa “boa parte” que também existe nas demais localidades das cidades.

Segundo Eguimar Felício Chaveiro (2007. p. 183) “sendo assim, a periferia possui um cotidiano específico, bem como uma modalidade de tempo social que define a vida dos sujeitos. Poder-se-ia dizer que é um lugar específico de dramas sociais, de problemas e vicissitudes humanas.”. Percebemos que esses conceitos são definidos pela população que já tendo em vista a realidade em outras cidades de porte maior, identificam a periferia como local de muitos problemas enfrentados pelos cidadãos, onde se encontra o que não tem nos bairros nobres e centrais.

É uma peculiaridade do bairro São Francisco em Cajazeiras- Paraíba, um bairro periférico, na zona sul da cidade, que diariamente passa por vários problemas sociais e os mesmos são transmitidos pelos meios de comunicações da cidade, no qual a violência é o assunto mais falado e que assusta a população com altos índices. Vemos que não só nesse caso em particular, mas em outras localidades usa-se esse termo para definir uma imagem da periferia como um local violento, marginalizado, sem um conhecimento prévio. Acerca disso, vejamos,

No Brasil a violência (mortes) decorre muito mais da pobreza do que de disputas políticas ou religiosas. Em muitos casos, cria-se uma imagem pejorativa de determinados locais periféricos, identificando-os como dispersores da violência, sem que se compreendam os motivos que levaram tais sujeitos a esses lugares e a essas práticas e também sem a compreensão das outras faces dessa mesma periferia (CHAVEIRO, 2007, p.185).

De acordo com Chaveiro, as áreas residenciais da população pobre, apesar de apresentarem, também, uma concentração zonal, obedecem a um processo de

distribuição das habitações em que aspectos econômicos, histórico-culturais e espaciais estão imbricados. Concluindo que:

As análises da periferia urbana englobam hoje novas modalidades como estudos da percepção, da representação, do cotidiano, do imaginário, da imagem, de narrativas. Essas modalidades partem de um pressuposto: o real é produzido também pelo modo de estabelecimento de significados. Ao fazer isso, sujeito e objeto se aglutinam, e no processo de significação o espaço se liga à vida (CHAVEIRO, 2007, p. 194).

Ermínia Maricato comenta acerca do processo das reformas urbanísticas no início do século XX em cidades grandes.

As reformas urbanas, realizadas em diversas cidades brasileiras entre o final do século XIX e início do século XX, lançaram as bases de um urbanismo moderno “à moda da periferia”. Eram feitas obras de saneamento básico e embelezamento paisagístico, implantavam-se as bases legais para um mercado imobiliário de corte capitalista, ao mesmo tempo em que a população excluída desse processo era expulsa para os morros e as franjas da cidade. Manaus, Belém, Porto Alegre, Curitiba, Santos, Recife, São Paulo e especialmente o Rio de Janeiro são cidades que passaram, nesse período, por mudanças que conjugaram saneamento ambiental, embelezamento e segregação territorial (MARICATO, 2000, p. 22).

A urbanização traz consigo a ideia de crescimento e de modernidade das cidades, e com isso conseqüentemente, pode ocasionar desigualdade social, por esse tipo de reforma acontecer principalmente em centros, deixando assim os bairros afastados e tidos como periferia a mercê sem ao menos saneamento digno a população do local, causando a exclusão.

2.1 Surgimento do bairro São Francisco

A história do bairro São Francisco apresenta algumas características que apontam para uma conotação de que as pessoas que ali residiam não dispunham de grandes posses ou que eram uma ameaça à sociedade. De acordo com Jesus (2009)

O Bairro São Francisco, mais conhecido como “Asa Sul” está localizado na zona sul da cidade de Cajazeiras - PB, o bairro faz parte da história da cidade, pelos famosos bordéis que existiam na década de 1970, pelos homens mais temidos da sociedade considerados

grandes marginais que aterrorizam a população, também famoso pelos grandes poetas que marcaram como João de Manoelzinho, revolucionário da época que lutava em favor de um povo sofrido, de famílias que conviviam com um drama de terem seus filhos completamente mergulhados no mundo das drogas e da exploração sexual que já era destaque no bairro.

De acordo com pesquisas, o bairro passou por modificação de nome, sendo “Asa Sul” o mais conhecido deles (isso será um aspecto enfatizado pelos sujeitos da pesquisa). A partir das palavras acima, vemos que há uma profunda ligação entre a história de formação do bairro com a presença de bordeis, de homens que tinham o poder de intimidar as pessoas por serem habitantes do bairro e assim, se utilizavam de uma representação de que na “Asa Sul” residiam homens perigosos para a sociedade cajazeirense.

Há no imaginário da população cajazeirense e das cidades circunvizinhas a ideia de que na “Asa Sul” está o escopo da população, lá estão concentrados os marginais, traficantes, prostitutas, pobreza, drogas e acabam por silenciar ou deixar de lado os aspectos positivos que aquele bairro apresenta: o grande poeta João de Manoelzinho era morador do bairro bem como, esquecem das melhorias na infraestrutura, dos aspectos sociais e culturais que aquele bairro tem.

Por ser comumente lembrado como um lugar que concentrava os bordéis da cidade, os mesmos eram localizados em outra área da cidade, mais precisamente no centro da cidade de Cajazeiras e após muitas reclamações de famílias foram transferidos para o bairro. De acordo com as palavras de Jesus (2009) “este bairro foi assunto de jornais, de rádios, tema de música e documentários, um lugar de visível precariedade no seu espaço físico e famílias psicologicamente afetadas por verem um grande número de crianças e adolescentes serem exploradas sexualmente.”

Neste momento, iremos analisar a fala de Wilson Furtado⁴ e como o nome do bairro foi modificado a partir de uma sugestão dele. Ao ser perguntado acerca de como surgiu a ideia de atribuir o “apelido” “Asa Sul” ao bairro São Francisco, o mesmo disse as seguintes palavras:

⁴ Advogado, ex-vereador da cidade de Bonito de Santa Fé, famoso radialista, foi apresentador do programa Boca Quente na rádio Difusora de Cajazeiras e atualmente é locutor da rádio Mais FM.

Tudo começou na década de 80 quando eu fui fazer uma cobertura jornalística no Distrito Federal em Brasília, na verdade foi a posse da Assembleia Nacional Constituinte, os deputados constituintes tinham sido eleitos naquela época 1986 e eu me hospedei na Asa Sul de Brasília. Como todos sabem Brasília ela tem uma área geográfica como se fosse um avião dentro do seu plano, tem Asa Norte e Asa Sul e eu me hospedei na Asa Sul e quando eu me hospedei lá eu me lembrei da zona sul de cajazeiras, que na época era denominada de “Asa do Cabaré”, todos sabem que é um nome pejorativo e como eu estava na Asa Sul de Brasília, um local muito agradável, de boas residências, de uma infraestrutura invejável eu me lembrei da Asa sul de Cajazeiras que se chamava na época “Asa do Cabaré” e tive uma ideia de quando eu chegar em Cajazeiras vou procurar o representante da área lá e vou buscar modificar aquele nome pejorativo de asa do cabaré de zona sul e foi isso que eu fiz.

Wilson Furtado aponta que a denominação de “asa do cabaré” era um nome pejorativo, que foi atribuído por Wilson Moreno, uma liderança comunitária, conhecida da época e que isso permaneceu até ele indicar a mudança de nome. A sugestão de Wilson Furtado foi acatada, e o fato de associar suas lembranças do bairro de Cajazeiras com os aspectos sociais e urbanísticos de Brasília é interessante pelo fato de que naquele período, o bairro era comumente associado à presença de bordeis, e por isso, era alvo de uma visão depreciativa por parte dos moradores de outros bairros, e ao propor essa modificação de nome soava como um aspecto de valorização do bairro. Quando se trata de comentar acerca dos apelidos pejorativos atribuídos ao bairro, ele adianta:

[...] É já tinha asa do cabaré que era um nome pejorativo, apenas eu aperfeiçoei e trouxe uma situação é que eu vivi durante uma cobertura jornalística para a cidade que eu moro que eu aprendi a gostar e que Cajazeiras é um amor de paixão, eu gosto muito da cidade de Cajazeiras, não nego meu xodó, eu sou de Bonito de Santa Fé adoro minha cidade, mas não escondo meus amores por Cajazeiras.

Segundo Wilson Furtado, foi como uma demonstração de afeto e de amor para com a cidade fez com que ele manifestasse e propusesse essa mudança de nome. É importante notarmos que essa mudança de nomes ocorreu sem a consulta popular, a partir de um projeto elaborado por Wilson Furtado e que foi levado para a câmara dos vereadores em nome do vereador João de Manoelzinho e o mesmo foi aprovado. Durante a realização da entrevista, questionei se naquela época já existia o nome São Francisco, como uma referência ao nome do bairro que existe atualmente.

Não, [o nome] bairro São Francisco veio depois, porque o próprio vereador da época ele criou junto com a comunidade e fez um espaço, uma praça com uma estátua de São Francisco, ai já é uma outra história, a pracinha São Francisco. Que tinha muitos romeiros que iam pro Canindé, uma vez conversando com João de Manoelzinho ele me disse ‘olha tinha idosos que tinha que pagar promessas lá em São Francisco de Canindé e ai a gente teve que colocar essa estátua lá pra encurtar essa viagem e como forma também de reverenciarem o seu santo aqui na cidade de Cajazeiras’, pelo menos foi o que, em tese ele, me passou na época.

A construção de uma praça com o nome de um santo, um símbolo de fé para os católicos que ali residiam, como um meio de encurtar as distâncias, com uma estátua de atrativo para os homens de fé, e talvez, isso possa influenciar para uma maior visualização do bairro, que contava com algo para além, das zonas de prostituição.

Quando questionado acerca das suas lembranças acerca das melhorias para o bairro, vejamos o que ele disse:

Eu me lembro, inclusive quando se chamava asa do cabaré tinha o chamado “Sete candeeiros” e na minha adolescência os nossos pais ficavam muito alerta e dizia “oh não vai pro sete candeeiros não” e isso aguçava dentro da gente, que tudo que é proibido ficava porque não ir ao sete candeeiros? E numa escapulida ou outra a gente queria saber o que era que tinha nos sete candeeiros, eu pelo menos perguntava aos meus irmãos “ei como são os sete candeeiros?” descreviam na época que eram sete casas que tinham bares, que tinham mulheres, que frequentavam a asa do cabaré, porque na verdade o cabaré já existia antes da asa sul que era ali próximo ao mercadinho e depois a cidade foi crescendo resolveram transferir o cabaré ali próximo ao mercado público do setor sul para aquela estrada de Jatobá que era exatamente a asa sul de hoje que era a antiga saída para São José de Piranhas, naquela época chamada de Jatobá e ai transferindo pra lá tinha essas sete casas, que chamava os sete candeeiros e tinha a extensão também da Vitoria Bezerra que tinha algumas casas sim outras não que tinha os prostíbulo e tinha os bares.

Mais uma vez, a associação do bairro com a presença dos estabelecimentos de prostituição é comentada. O imaginário acabou fortalecendo essa relação e depois a curiosidade que imperava entre os jovens que eram proibidos pelos pais de frequentar tais ambientes servia como uma fâsca para tentar conhecer o que eram os “sete candeeiros” e quais os sujeitos que frequentavam aquele local. Quando se altera a via de acesso da cidade, que era feita pelo bairro “Asa”, e passou a ser feita pela estrada que

liga as cidades de São José de Piranhas à Cajazeiras, muda-se o foco de atenção. As mudanças que aconteceram até os dias de hoje são explicitadas da seguinte maneira:

Muita coisa, a cidade avançou, hoje tem posto médico, houve uma mudança da saída para São José de Piranhas com a BR 230 sendo modificada e a PB 400 já não é obrigatoriamente sair como antes só saía para o Ceará se fosse pela Asa Sul, hoje a Vitória Bezerra não é a principal, existem outras duas ou três avenidas que dão acesso a essa saída do Ceará. O bairro em si, ainda é muito carente de alguma coisa da infraestrutura, no caso esgotamento sanitário, a falta d'água é permanente, eu acredito que deviam construir uma caixa d'água pra melhorar a distribuição do precioso líquido pra aquela área da cidade e também até do ponto de vista comercial, durante um bom tempo com esse nome pejorativo as pessoas não queriam investir naquela área da cidade, mas que com o passar do tempo o cenário é outro completamente diferente, já existem investimentos naquele setor que hoje as pessoas acredito eu que possa ter tirado esse bairrismo deixado de lado e que a maioria das famílias de lá são trabalhadores, apesar que hoje tem o foco do tráfico que não é só de lá, muitos bairros da cidade também existem, como todo outro bairro tem famílias carentes, tem famílias que financeiramente se destacam diante da sociedade, mas um bairro em si que eu quando alguém quer cutucar meus calos digo “oh cuidado que eu sou da asa” (risos) isso pelo menos ainda é algo que serve de escudo pra gente que durante um bom tempo morou na asa ou pelo menos conviveu com aquele povo bastante hospitaleiro, bastante humano e uma gente que como a gente mesmo galgando outros espaços a asa vai fazer parte da nossa história.

As mudanças mencionadas são de fato, coisas que a população tem direito. Como apontado, muitas melhorias precisam ser efetivadas para que as pessoas possam ter uma melhor qualidade de vida. O próprio nome que ele sugeriu foi motivo para que alguns comerciantes preferissem outros bairros das cidades por não querer situar seu estabelecimento ao lado de um arsenal de representações que colocam o bairro como um lugar perigoso. Situando o olhar preconceituoso com o que o bairro foi e ainda é visto, o jornalista aponta isso como um bairrismo, e que foi deixado de lado mesmo com a menção constante ao tráfico de drogas que assola o bairro, causando medo a muitas pessoas.

O próprio Wilson Furtado se vale de argumentos que corroboram para enaltecer a ideia de que o bairro São Francisco é um lugar perigoso, quando diz que quando se sente ameaçado, “oh cuidado que eu sou da asa”, que serve como um escudo para

muitas pessoas do bairro, já que é conhecido por ter pessoas valentes/violentas na área isso é um discurso que alimenta ainda mais a ideia presente no imaginário da população de que o bairro representa uma insegurança para o bem estar da cidade. Pensemos que ele, na sua posição de um locutor de rádio que tem a sua visibilidade de credibilidade perante a população, faz tal afirmação, acaba por reforçar as ideias preconceituosas que o bairro é visto.

Wilson Furtado está inserido naquilo que Guimaraes (2002) denominou de espaços de enunciação,

Os espaços de enunciação são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante. São espaços “habitados” por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. (GUIMARÃES, 2002, p. 51).

Desta forma, os espaços de enunciação são espaços que distribuem de forma não igualitária as línguas para seus falantes, e de tal maneira redividem o sensível, ao identificarem os indivíduos a serem dados o poder da fala, da língua.

Eu acho que essa questão de bairrismo principalmente da parte de alguns de tentar discriminar depende muito de cada um de nós, eu não me sinto discriminado por ter morado ali na porta de entrada da asa sul e ter convivido com [...] Porque tinha muitas pessoas de bem da asa como também tinha pessoas que infelizmente não tiveram sorte como em todo e qualquer lugar, eu acho que o melhor bairro de Cajazeiras eu pelo menos quando garoto jogava bola com o pessoal da asa com as pessoas também do centro da cidade e existia a Barão do Rio Branco e tinha alguns craques da Barão do Rio Branco que não se deram muito bem e eram filhos de famílias abastardas e muitos amigos meus colegas de infância hoje são médicos, são advogados, são professores, são doutores e que moravam na asa. Eu longe de mim essa discriminação e eu me sinto muito bem em dizer que morei bem pertinho da asa, na porta de entrada da asa e se eu tivesse morado na asa isso não me incomodaria, eu acho que esse bairrismo besta tem mesmo é que acabar esse preconceito e deixar de lado essa coisa boba que nos dias atuais não leva a nada.

O olhar receoso que é empregado para representar o bairro São Francisco é vislumbrado como sendo utilizado de forma particular e individual, Wilson Furtado não se considera discriminado por ter morado na “porta de entrada da asa sul”. Que na sua época, tinha pessoas consideradas “de bem” que tiveram sorte na sua formação e que

isso não se aplicava a todos. Pelo fato de não concordar com o bairrismo como que é tratado o bairro, ele esclarece que não se incomoda em dizer que morou próximo a Asa.

Apesar de todos os problemas estruturais, sociais, políticos, econômicos e culturais que o bairro apresenta atualmente, isso pode decorrer do seu processo de formação/ ocupação do bairro que, segundo Wilson Furtado, não foi uma questão exclusiva, todos os bairros tem suas particularidades e necessidades,

[...] ele [o bairro São Francisco] apenas se destaca por ter passado por um processo doloroso porque antes tudo que acontecia de ruim “ah, na asa”, mas hoje o setor Norte de Cajazeiras que é a parte maior da cidade e é onde tem o maior número habitacional, inclusive parece uma nova cidade tem as nossas asas, eu acho que o Pio X e outros bairros não são diferentes da asa de antigamente, hoje a asa é um lugar bom de se morar e bom de se viver e que hoje existem muitas famílias de bem e quem investir lá num vai se dar muito mal não, eu passo por lá, posto de combustível reformado, bem instalado, panificadora já com padrão moderno, depósitos de gás, também na questão de material de construção tem um grande empreendimento lá e um cidadão que viu a cidade crescer e a necessidade de construir um grande galpão de estoque e outras outras atrações, eu acho que cada um fazendo sua parte seja em que local for a coisa vai se desenvolver e vai criar a nova perspectiva e lugar bom de se morar é onde você ganha sua vida de forma honesta de forma que o seu suor esteja valendo a pena.

O bairro está crescendo e tanto em termos habitacionais e quanto nos de desenvolvimento, dispõe de investimentos e isso é reflexo da conscientização das pessoas, que tem de entender que qualquer lugar é bom para se morar, tudo depende da forma como cada um trabalha. Podemos inferir que as palavras de Wilson Furtado denotam para uma perspectiva um pouco romaneada da realidade do bairro, que é constantemente reportado na mídia local por ser um ambiente de marginais, traficantes, prostituição e simboliza um perigo para a sociedade.

As imagens abaixo representam a atual conjuntura do bairro.



Figura 2: Um exemplo da ausência de infraestrutura do bairro São Francisco
Disponível em: <http://coisasdecajazeiras.blogspot.com.br/2012/01/lixo-mato-e-esgotos-ceu-aberto-triste.html> - Acesso em: 10. Mar. 2013.

O bairro também está marcado pela grande adversidade e ausência de políticas públicas para abastecer essas famílias, amenizar as mazelas que os rodeiam e diminuir as desigualdades com o restante dos moradores, que mesmo não tendo má conduta enfrentam preconceito fora do bairro. Os moradores de algumas ruas sofrem em meio ao lixo e falta de saneamento básico, que é necessário para seu bem estar e saúde coletiva; como visto na imagem, um esgoto a céu aberto, podendo transmitir doenças a essas famílias que já são carentes e vivem no descaso dos órgãos públicos competentes da cidade.



Figura 3: Exemplo de unidades habitacionais construídas pelo governo.

Fonte: Imagem cedida do arquivo pessoal da fotógrafa Socorro Abrantes do seu arquivo pessoal.
04 de março de 2013

Assim, podemos compreender que a atual denominação do bairro São Francisco deu-se por conta de aspectos pessoais e em seguida, foi pela via religiosa. Entretanto, o que percebemos é que, mais uma vez, o nome do bairro se alterou sem que houvesse uma consulta aos moradores. Isso será o objetivo do próximo capítulo: tentar compreender as impressões que os moradores do bairro têm do seu processo de formação e ocupação.

CAPÍTULO III: A MEMÓRIA, A HISTÓRIA E OS ESTIGMAS.

O estigma que sempre associa como diz o apelido denominado “asa” à violência, à prostituição, comércio de drogas, vagabundagem né, o usuário, esse estigma foi sempre pegou e tá pegando até hoje [...] (FRANCISCA).

De acordo com o dicionário Aurélio estigma poderia ser descrito como: “cicatriz, sinal”. E estigmatizar como “1. Marcar com estigma. 2. Censurar, condenar”. Esta é uma definição básica e para melhor entendermos o termo, iremos recorrer às colocações de Elias e Scotson (2000), que descrevem o que em termos sociológicos pode ser compreendido como estigma, em relação a vários grupos sociais, seja no

aspecto interno ou externo em relação a outros grupos, elaboram características positivas ou negativas deles mesmos ou acabam por impor aos outros. Este fator, na interligação entre os sujeitos colabora para o aparecimento de formas acentuadas de diferenciação social, ou seja, a desigualdade e a discriminação podem ter a sua origem neste fato.

Sendo assim, as “pessoas dispõem de uma gama de termos que estigmatizam outros grupos, e que só fazem sentido no contexto de relações específicas entre estabelecidos e outsiders” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27). Portanto, estigma é um signo de um grupo, que detém alguma característica de estabelecido, ou seja, possui o poder – de dominação sobre um grupo subjugado.

Este capítulo trata justamente da ideia de estigma, de como as pessoas que moram no bairro São Francisco se percebem como sujeitos da sua própria história de formação e como eles acreditam que são representados no imaginário popular. Como apontado em um momento anterior desta pesquisa, analisamos a fala de Wilson Furtado, que é considerado o idealizador do nome “Asa Sul” e aqui, iremos analisar as falas dos moradores e isso é interessante pelo fato de as ideias serem destoantes.

Segundo nosso entrevistado, o senhor Francisco diz que “[...] foi Wilson Furtado quem colocou esse apelido de “asa”, porque ele foi em Brasília e lá tem uma asa sul, asa num sei o que em Brasília(...)” E dona Maria também fala: “[...] depois que botaram essa conversa esse apelido de asa, tem uma cidade parece que é em Brasília que tem asa sul e onde mora gente nobre, gente bacana, é como aqui e eu não sei por que o povo discrimina. [...]”, e é através dele que passa a ser chamado de Asa Sul pela população cajazeirense.

Ao longo do tempo o bairro foi se desenvolvendo em torno dos cabarés, que foram jogados e instalados naquela área com a finalidade de escondê-los no local menos visto da cidade. Devido a sua localização seria mais complicado de ser frequentado e visto, pois além de ser um bairro carente já era mal visto pela população, pois lá residiam os homens mais temidos e violentos da cidade.

Segundo dona Maria, os cabarés se mudaram para o bairro em 1963, ainda fala que:

Eu tenho conhecimento porque eu lembro que era antes lá na rua da cadeia pra acolá, ai depois mudaram, fizeram até onde chamam com licença da palavra ‘Cabaré Velho’ ai mudaram pra lá né? Mais que era pra aqueles lados lá, não sei onde era que a pessoa não ia, mudaram

porque acho que ali ficava muito centro ne e pra lá já era mais isolado (...) Ninguém andava pra lá né que jamais, Deus me livre (risos).” (Maria Lucena – Moradora do bairro há 32 anos).

A partir da fala de dona Maria, percebemos que os moradores não sabiam exatamente onde os cabarés tinham se instalado, pelo fato de ser um local mal visto, por não ser um ambiente familiar, só sabia que estavam localizados no bairro São Francisco. Pela expressão de dona Maria “ninguém andava pra lá né que jamais, Deus me livre” era feio até pensar na possibilidade de chegar perto desse ambiente, que antigamente, recebia diversas denominações uma delas era “brega”, tal como dito por dona Maria em conversa informal logo após a entrevista.

Então o já mencionado João de Manoelzinho, reivindicou mudança do nome para São Francisco, porém os moradores demoraram a acostumar-se e até hoje muitas pessoas só conhecem como “Asa”. “[...] Antigamente tinha muita as casas de cabaré era tudo ali ai ninguém queria fazer casa ali, por isso não cresceu [...], antigamente era só cabaré esse ambiente que agora não tem mais, a área é desvalorizada já e agora com esse apelido de asa pronto foi que acabou tudo.” (Seu Francisco- Morador do bairro Tecedores, vizinho ao bairro São Francisco). Vemos que para seu Francisco, a denominação de Asa Sul não foi algo bom para os moradores, um apelido que serviu como um estigma para caracterizar de forma inferior aquelas pessoas.

Todavia, houve algum crescimento urbano no bairro, a prefeitura realizou um projeto com o objetivo de retirar as casas de taipa, ainda existentes no bairro, e fazer novas casas de alvenaria para ser entregues àqueles que mais precisassem, como no caso do Senhor Marçal que morava numa dessas casas demolidas. De certa forma este projeto trouxe progresso para o bairro São Francisco, pois essas habitações não traziam segurança para seus moradores correndo risco de desabamento, bem como podendo abrigar o inseto transmissor da doença de Chagas.

Em uma conversa com dona Francisca, moradora do bairro desde seu nascimento, pergunto se há projetos para melhoria do bairro sendo efetuados ou que já foram efetuados nas questões estruturais, culturais, sociais e ela me respondeu:

Não, nenhum. Só no posto de saúde, vai ser construído outro, lá pra lá da pedra do galo. Só essas coisa de Paixão de Cristo, o Auto de Natal, quando tem os eventos culturais que é convidado as pessoas do bairro pra participar, quadrilha, que é coisa ligada a prefeitura. Ai tem esses

projetos da prefeitura que convida a população não só desse bairro, mas de Cajazeiras né?! Ai aqui a maioria participa, dessa rua. Tem o SESC que faz muita coisa para as pessoas do bairro, os idosos; o CRAS, ele tem projetos de cursos para as mães, para as crianças como bordado, pintura. Só isso mesmo.

Mas ainda, segundo ela, teve melhora em algumas coisas e ainda falta melhorar muito em outras:

[...] tem agua tem energia, de primeiro não tinha nem energia nem tinha agua e mudou muitas coisa. Muita coisa né (risos). Aqui nessa rua nós não temos nenhum vereador pra falar por nós, nem um representante de bairro aqui nós não tem. Ai é bom ter um ne pra falar pela população.

Já dona Maria fala um pouco mais sobre o que deve melhorar:

Sei não, tem tanta coisa né?! A rua ai, o calçamento cheio de buraco, que os carro quando vem, carro, moto, as vezes a gente se senta um pouquinho de noite na calçada que num tem quem suporte o calor ne ta só dentro de casa, ai os carro ou moto as vezes vem desviando dos buracos e tem hora que pensa que eles vão subir nas calçadas. Ai isso tem que ajeitar, buraqueira demais [...] Mas é assim mesmo, a cidade ta grande, ta crescendo, ai eles ajeita num bairro uma rua, em cada bairro eles ajeita aquela rua que ta mais esburacada. Ai quando eles vem pra outra rua demora muito, ai aquelas que eles já ajeitaram a um mês dois meses já ta quase do mesmo jeito, parece que bota um material que não sustenta, ruim, péssimo. [...]

Ela fala sobre o crescimento do bairro desde quando foi morar lá:

Cresceu muito, pra começar ai depois do Galdino Pires era um açude que tinha chamava o açude de Bruno, ali não tem mais, é tudo casa, eu passei um dia desse ali e olhando eu chega fiquei assim, menino (impressionada) tudo cheio de casa, pra cá é casa até no [estádio de futebol] Perpetão e aumentou, aumentou muito. Posto de saúde ne que não tinha naquela época e agora tem e é bom, tem medico perto, medico bom, atende as pessoas bom também, os enfermeiros, as pessoas ne que ajuda, a agente de saúde é boa frequenta muito nossas casas, todo mês ela visita os idosos, se precisar ela traz o médico, se for o caso de uma pessoa já idosa ou que seja jovem que não tenha condições de ir no posto ela traz o médico. É, sobre a medicina também ta legal. Com a falta de água era sofrimento aqui, era a gente correndo atrás do carro pipa [...] A gente ia lá pra Rua São Sebastião, a Rua Santo Antônio, naquela época 82, 83, 85, ne 92 também era sofrimento em 92, mas agora tá melhor.

Entrevistamos pessoas de diversas faixas etárias, e a todas questionamos acerca das lembranças que tem do processo de formação do bairro. Para a senhora Francisca, o bairro dispunha de poucas casas, e uma pequena escola.

[...] aqui não tinha calçamento, não tinha saneamento básico, era a maioria dos cercados era de Maria mole e o açude de Bruno que chama, vinha por trás da escolinha aí, o pessoal lavava roupa lá. Aqui era terra, esgoto a céu aberto, muito mato, poucas casas, pouquíssimas casas. Que eu me lembro que eu fui criada com minha vó e era uma referência também, que eu acho que você ouviu falar de “Mãe das Dores”, que ela rezava, era rezadeira ai só tinha a casa dela, da minha mãe, de uma senhora ali em cima, a escola e pouquíssimas casas pra lá e bem pouquinha aqui, no máximo acho que tinha umas 15 casas juntando tudo por aqui. Ai aos poucos foi crescendo aumentando o pessoal que vinha morar pra cá e construir a casa própria. (FRANCISCA BETÂNIA, 39 anos, moradora do bairro).

Pela fala acima, percebemos que a ausência de infraestrutura foi algo que prevaleceu no processo de formação do bairro. A mesma ainda afirma que, “o saneamento básico da época ou era construída pela família com fossa ou então a prefeitura vinha fazer aqueles banheiros comunitários não sei se você lembra também, era tipo laje, umas lajes com fossa também”.

O processo de formação do bairro se deu aos poucos,

[...] vinha gente de outras cidades, vinha comprava o terreno e ia construindo, a maioria das casas era de taipa também, poucas casas de alvenaria. Foi aos poucos, não foi assim rápido não, foi lentamente foi construindo, não foi rápido e o comercio girava em torno do que disse antes era carvão, o pessoal vendia agua também que tinha muita gente que não tinha coragem de ir pegar lá ai eles vinham vender lata d’agua essas coisas no burro, carroça d’agua essas coisas, funcionava nesse sentido. (FRANCISCA BETÂNIA, 39 anos, moradora do bairro).

Assim, foi chegando pessoas né e construindo ai foi evoluindo né, foi crescendo aos poucos, ai tá ai já tem grupo escolar, tem um posto que é do outro lado de saúde, é foi vai chegando gente comprando terreno construindo e vai aumentando né a comunidade. (MARIA DE LOURDES, moradora do bairro).

As falas acima destoam das demais falas, no sentido de que elas associam a vinda das pessoas para o bairro em busca de um lugar para morar, compra de terrenos,

trabalhar no comércio, na venda de carvão, de água e aos poucos foram sendo construídos um grupo escolar, posto de saúde.

Percebemos ao longo de algumas entrevistas que as pessoas que moram há mais tempo e/ou morou no bairro foram pra lá por não terem condições de morarem em outro bairro, notamos isso principalmente na fala de dona Alice:

Porque a gente era muito pobre, pobre, não tinha condição aí a gente arranhou uma casinha mais barata lá, aí compramos e fomos morar lá, aí depois quando a gente foi melhorando, meu marido começou a trabalhar e eu também, a gente melhorou mais a situação aí compramos uma aqui em baixo, aí viemos morar aqui, tá com 20 anos que nós já 22 anos, depois que meus filhos morreu, meus dois filhos que morreu de acidente aí depois disso eu fiquei desgostosa aí viemos morar, desci pra cá, compramos uma casa aqui na Sebastião Bandeira, aí dali passamos pra aqui.

Dona Alice residiu no bairro por trinta e cinco anos e ainda guarda boas recordações do tempo em que passou juntamente com sua família e hoje ela mora no centro da cidade com seu esposo. Faz comparações com a época em que morou lá e a de hoje em dia relacionado à violência:

Na minha época num tinha, na minha época era muito bom sabe, na época que morei lá era muito bom, minha casa dormia era aberta, um monte de gente de madrugada vinha pedir a nós pra fechar a porta porque tava tudo aberta sabe, mas hoje a violência tá demais né, hoje você vê as crianças lá tudo é maconhado de 10 anos de 12 anos tudo maconhado minha filha, mas lá no meu tempo era muito bom viu, era muito bom o bairro, não tinha essas violências não (...) o povo do bairro era honesto, mas hoje tá demais, acabou, acabou! (ALICE)

Dona Alice chegou ao bairro em 1955 residindo nele até aproximadamente os anos de 1990, ela relata um pouco sobre como era o bairro quando ela chegou:

(...) Era só mato naquela estrada naquela rodagem ali todinha de João (?), não tinha, era poucas casinhas que tinha. Tinha a lagoa, a lagoa que juntava muita água lá no pé do “cristo rei” cruzeiro nera?! Então era mato tinha pouquinhas casa, hoje tá tudo mudado né, hoje é, tem um cabaré velho que hoje não tem mais, chamava Sete Candeeiro, as sete porta nera?! Tinha o cruzeiro a pedra do galo que todos ano a gente ia e continua indo né o povo ainda tem essa penitência que todos anos ainda vão né pro “cristo rei” lá pra lá, a pedra do galo. (Fala Cristo Rei e Cruzeiro confundindo com a Pedra do Galo) (ALICE)

De acordo com sua fala entendemos que o bairro foi crescendo aos poucos, de acordo com a velocidade que as pessoas chegavam ali construíam sua casinha para morar que o tornava mais familiar, muito embora os cabarés ainda continuassem funcionando no bairro por um tempo. Dona Francisca também fala um pouco sobre a violência no bairro:

Antes era bom, dormia com as portas abertas, em calçada tudo, não acontecia nada, hoje é mais difícil que tem a violência, tem os viciados ne?! Que se a gente deixar as porta aberta e sair assim quando chegar é arriscado ter carregado alguma coisa. Não é mais como antigamente que a gente podia tá mais à vontade ne?! Tá com muitos anos isso já, de trinta anos pra cá. (FRANCISCA)

Segundo as duas falas a vida no bairro era muito sossegada, podiam fazer coisas que atualmente não tem mais essa liberdade de fazer, já dona Maria contrapõe essa visão dizendo: “A violência eu não gosto de falar, não porque não tem! Às vezes aparece assim uma confusão, alguma briga do povo que vai passando, dos bêbados ne?! Mas briga mesmo que não vou dizer né?!”. Contudo, mesmo com essa violência acontecendo no bairro dona Francisca e dona Maria que são vizinhas afirmam ter uma boa relação com seus demais vizinhos, dizem serem como da família por estarem sempre prontos para ajudar no que precisarem.

Acerca do que pode ter influenciado o estigma que a sociedade cajazeirense tem do bairro, vejamos as falas abaixo:

Mulher eu acho que é devido tudo quanto é ruim só acontece aqui, porque assim não somos nós que moramos aqui, porque tudo no mundo foi na asa, foi num sei aonde né foi na asa, vem de lá se acontece um roubo de onde foi fulano é da asa é num sei o que, pode ser preso lá fora, mas vai dizer que é morador daqui, vai caindo sobre a asa né e aqui tem tanta gente boa só você vendo quanto tem, mas ninguém nem Jesus agradeu a todo mundo né?! Ai é assim (MARIA DE LOURDES).

Hoje em dia num só existe gente ruim se for da asa não, tem violência em todo canto, em todo canto tem gente boa e gente ruim. Eu mesma quando converso com pessoas gente conhecida eu digo, ai e tu mora la? eu digo é. Eu digo, se você soubesse que la no bairro, na asa sul como vocês estão falando mora tanta

gente boa, gente que tem estudo, gente que até já é formado, é, tem gente até que já é formado, e num mora num é nem nessa rua é lá mesmo onde chama o centro da asa, né? Agora é porque o povo, eu não sei por que, que antes não existia isso não, aí depois que botaram essa conversa esse apelido de asa, tem uma cidade parece que é Brasília que tem asa sul e onde mora gente nobre, gente bacana, é como aqui e eu não sei por que o povo discrimina (MARIA DE LUCENA ANDRADE).

Então a gente não tem que ligar só o lado ruim da coisa não, tem gente aqui que é humilde, que trabalha que não gosta dessas coisas como o povo fala de droga essas coisas, mas infelizmente você tem que ver que aqui você anda é uma casa de comercio de droga e uma casa de família. Hoje a gente não pode dizer vamos separar isso não existe, que quem aluga casa não quer saber quem vai morar dentro, só quer saber que recebe o pagamento do aluguel, não quer saber se vai trazer perigo, roubo ou outras coisas piores e aqui existe gente que rala, que trabalha, mas infelizmente o que pega é o lado ruim. É triste admitir eu não tenho vergonha, todo canto que eu ando e me apresento, nasci e me criei aqui e eu gosto muito daqui, eu ando a qualquer hora da noite, duas horas da manhã se precisar, graças a Deus nunca aconteceu nada, mas quem que vai também está duas horas da manhã na rua, só se for uma coisa necessária né? (FRANCISCA BETÂNIA).

As falas acima apontam para uma concepção de que o bairro é visto como um lugar de pessoas que causam algum tipo de ameaça para a cidade e que isso afeta a vida das pessoas que moram lá. Pessoas que não compreendem o motivo de associarem tudo o que acontece de ruim ser culpa de quem reside naquele bairro. É importante ressaltarmos que, nem todos os entrevistados usam a denominação bairro São Francisco, a maioria ainda, usa o termo Asa como referência espacial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos neste trabalho, como se deu o processo de formação e ocupação do bairro São Francisco, um bairro periférico da cidade de Cajazeiras. Um bairro que recebeu alguns olhares de estranhamento por parte da população cajazeirense e como isso foi percebido pelos seus moradores.

No primeiro capítulo, apresentamos como a cidade se tornou um objeto de estudo por parte dos historiadores e como pesquisas desse tipo têm conseguido cada vez mais espaço no âmbito acadêmico. Discutimos o conceito de cidade e como ela foi trabalhada pelos pesquisadores locais. Neste momento, situamos a cidade de Cajazeiras e um pouco da sua história imbicada na família Rolim e como ela está diretamente ligada aos grandes personagens locais e questionamos que essa versão tradicional tende por deixar de lado os outros sujeitos da cidade.

No segundo capítulo, buscamos compreender como se deu o processo de surgimento do nome “Asa Sul”, quais as implicações possibilitaram que ele fosse atribuído por um locutor da rádio local e como ele percebe a formação e a atual situação do bairro. Percebemos que, por duas vezes, o bairro mudou de nome, e passou a ser bairro São Francisco por conta de uma estátua de santo numa praça. Vale ressaltar que, em nenhuma das mudanças de nome a população foi consultada.

No terceiro capítulo, tentamos compreender as impressões que os moradores do bairro têm do seu processo de formação e ocupação, para isso, trabalhamos com a noção de estigma como uma forma de analisar como os moradores se percebem e pensam que são percebidos.

Conforme íamos analisando cada fala, percebemos que o sentimento de pertencimento é muito forte, que as pessoas acreditam que o bairro é um local que carece de atenção dos políticos e autoridades locais. Alguns deles acreditam que o apelido dado por Wilson Furtado serviu para impregnar uma imagem negativa do bairro, que não saiu como o esperado, que em uma comparação com um bairro de Brasília de gente nobre, as pessoas não viam a “Asa Sul” como um lugar assim, e isso se reflete nos dias de hoje, em que embora, o bairro tenha seus habitantes de bem, ainda conta com muitas atribuições pejorativas, estigmatizadas pelas pessoas de fora.

Acreditamos que este trabalho possibilitou uma experiência importante para a história do bairro São Francisco, que a partir de hoje, tem uma pesquisa acerca de seu processo de formação e ocupação. Em outro momento, pensamos em analisar as falas e memórias dos habitantes de bairros vizinhos e como eles representam o bairro São Francisco ou Asa. Visto que os nossos entrevistados ainda se reportam ao bairro como “Asa”. Parece que não importa o nome, o imaginário estará sempre associando o bairro ao antigo nome, ou seria ao nome que nunca foi esquecido?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Simone Formiga. **Práticas de leituras em Cajazeiras - PB (1930-1950):** Memórias de ex-professores. João Pessoa: UFPB, 2010

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira; CERASOLI, Josianne Francia. **A cidade como história.** Curitiba: UFPR, 2009. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/15672/10413>>. Acesso em: 15. Mai. 2015.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A periferia urbana em questão: Um estudo socioespacial de sua formação. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 27, n. 2, p. 181-197, dez. 2007.

FERREIRA, Aurélio. **Minidicionário de português**, século XXI. 1989, Editora Nova Fronteira.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

GUIMARÃES, Eduardo. Espaço de enunciação, cena enunciativa, designação. **Laboratório Corpus: UFSM**, Jan./Mar 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/download/17264/10431>. Acesso em: 15. Mai. 2016.

JESUS, Maria Bethânia de. **Exploração Sexual de Crianças e adolescentes no bairro São Francisco – Cajazeiras - PB** <http://www.webartigos.com/artigos/exploracao-sexual-de-criancas-e-adolescentes-no-bairro-sao-francisco-cajazeiras-pb/18586/> - Acessado em: 10 de março de 2013

MACHADO, Maria Salete Ker. **O imaginário Urbano.** In: BRESCIANI, Maria Stella Martins (org). **Palavras da Cidade.** Porto Alegre. Editora UFRGS, 2001

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: Metrôpoles brasileiras. **São Paulo Perspec.** [online]. 2000, vol.14, n.4, pp. 21-33.

ROLIM, Eliana de Souza. **Patrimônio Arquitetônico de Cajazeiras - PB:** memória, políticas públicas e educação patrimonial. 2010. 145 f. Dissertação (mestrado em História e Cultura História) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2010.

SÁ, Cristina (org.). **Olhar Urbano, olhar humano.** São Paulo, Ibrasa, 1991

SEVCENKO, N. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, F. (org). **História da vida privada no Brasil -República:** da belle époque à era do rádio, v. 3, 7. reimp., São Paulo: Cia das Letras, 1998, p. 7.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na cidade a Parayba e as tramas do moderno**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Pernambuco, Recife, 1999.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. 2ª ed. Contexto, 1989.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. 9ª Ed. São Paulo. Brasiliense, 1983.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; FERNANDES, Paula Rejane. **Cidades e experiências modernas**. Campina Grande, EDUFPG, 2010.

<http://coisasdecajazeiras.blogspot.com.br/2012/01/lixo-mato-e-esgotos-ceu-aberto-triste.html> - Acessado em 10 de março de 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE A: CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE

RENATA ARRUDA DOS SANTOS

1. Pelo presente documento, Alice da Silva Gomes, brasileira, casada, amparada, carteira de identidade nº 1.935.938, emitida por SSP/PB, CPF nº 602. 772.384-04, residente e domiciliada na Rua Siqueira Campos nº 184, Centro, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 22/11/2014 perante a pesquisadora Renata Arruda.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 20 de dezembro de 2014.

Alice da Silva Gomes

(Nome do Cedente)

Renata Arruda dos Santos

(Nome do Pesquisador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE

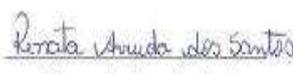
RENATA ARRUDA DOS SANTOS

1. Pelo presente documento, Francisco Pereira de Arruda, brasileiro, casado, Vigilante, carteira de identidade nº 749.345, emitida por SSP/PB, CPF nº 023.981.634-07, residente e domiciliado na Rua Francisco Martins nº 181, Tecedor, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 01/11/2014 perante a pesquisadora Renata Arruda.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 20 de dezembro de 2014.


(Nome do Cedente)


(Nome do Pesquisador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE
RENATA ARRUDA DOS SANTOS

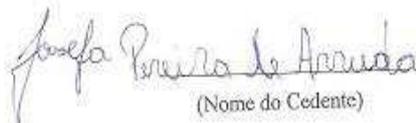
1. Pelo presente documento, Josefa Pereira de Arruda Silva, brasileira, casada, dona de casa, carteira de identidade nº 925344, emitida por SSP/PB, CPF nº 395193074-53 residente e domiciliada na Rua Jose Alcindo de Aroucha nº 169, Pio X, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 01/11/2014 perante a pesquisadora Renata Arruda.

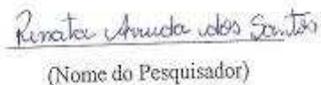
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras - Paraíba, 20 de dezembro de 2014.


(Nome do Cedente)


(Nome do Pesquisador)

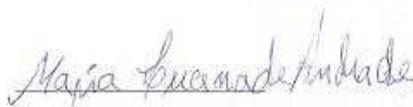
CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE

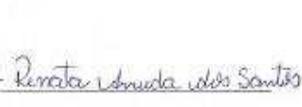
RENATA ARRUDA DOS SANTOS

1. Pelo presente documento, Maria Lucena de Andrade, brasileira, viúva, aposentada, carteira de identidade nº 2436296, emitida por SSP/PB, CPF nº 031.910.994-17, residente e domiciliada na Rua Monsenhor Sabino Coelho, São Francisco, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 16/01/2015 perante a pesquisadora Renata Arruda.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 16 de janeiro de 2015.


(Nome do Cedente)


(Nome do Pesquisador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE
RENATA ARRUDA DOS SANTOS

1. Pelo presente documento, Antônio Wilson Lacerda, brasileiro, casado, advogado e radialista, carteira de identidade nº 1096653, emitida por SSP/PB, CPF nº 441.934.084-34, residente e domiciliado na Rua Tab. Antônio Holanda nº 197, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 03/03/2016 perante a pesquisadora Renata Arruda.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 10 de abril de 2016.


(Nome do Cedente)


(Nome do Pesquisador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE
RENATA ARRUDA DOS SANTOS

1. Pelo presente documento, Maria de Lourdes Silva Pereira, brasileira, casada, aposentada, carteira de identidade nº 1.431-522, emitida por SSP/PB, CPF nº 020924219-74 residente e domiciliada na Rua Travessa Vicente Berte, Bairro São Francisco, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 29/03/2016 perante a pesquisadora Renata Arruda.
2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.
3. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 20 de dezembro de 2014.

Maria de Lourdes Silva Pereira
(Nome do Cedente)

Renata Arruda dos Santos
(Nome do Pesquisador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE
RENATA ARRUDA DOS SANTOS

Pelo presente documento Francisca Betânia Silva Pereira Silva, brasileira, casada, agente de saúde, carteira de identidade nº 1431465, emitida por SSP/PB, CPF nº 8740443404, residente e domiciliada na Rua Doutor Vicente Leite nº 86, São Francisco, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 29/03/2016 perante a pesquisadora Renata Arruda.

1. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

2. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 20 de dezembro de 2014.



(Nome do Cedente)



(Nome do Pesquisador)

CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL PARA DISCENTE
RENATA ARRUDA DOS SANTOS

1. Pelo presente documento, Francisca Roline Veneslau, brasileira, casada, doméstica, carteira de identidade nº1915115, emitida por SSP/PB, CPF nº 075.142.694-47, residente e domiciliada na Rua Monsenhor Sabino Coelho, São Francisco, Cajazeiras-Paraíba, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo a discente Renata Arruda dos Santos a totalidade de seus direitos patrimoniais de autor sobre o depoimento oral prestado no dia 16/01/2015 perante a pesquisadora Renata Arruda.

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno de seus direitos morais sobre o referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer utilização.

3. Fica, pois, Renata Arruda dos Santos plenamente autorizada a utilizar o referido depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cediendo seus direitos a terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Cajazeiras – Paraíba, 16 de janeiro de 2015.

Francisca Roline Veneslau Renata Arruda dos Santos
(Nome da Cedente) (Nome do Pesquisador)

ANEXOS

ANEXO 1: ENTREVISTAS

Na maioria dos casos utilizei um questionário pronto, mas em alguns ia fazendo outras de acordo com as respostas e quando tinha a possibilidade de extrair mais dos entrevistados, pois em sua maioria eram pessoas mais idosas. Utilizei o seguinte questionário:

1-Há quanto tempo mora no bairro? Como era o bairro quando você chegou? O que mudou nele?

2-Quais motivos o levaram a morar no bairro?

3-Por que as pessoas tem uma imagem ruim dos moradores? Elas têm razões em pensar assim?

4-Em sua opinião, há projetos/programas para melhoria na estrutura do bairro sendo efetuados? E nas questões sociais e culturais?

5-Como acha que se deu a formação/ ocupação do bairro, a partir de que?

JOSEFA PEREIRA DE ARRUDA SILVA – Cajazeiras, 01 de novembro de 2014 às 20hs16min.

*Pedi para a mesma falar um pouco sobre como era nos anos de 1980 no bairro São Francisco

- Era muito fraco, as ruas era sem calçamento, a pobreza era muito grande na asa sul, era muitas pessoas pedindo esmola. Só tinha as fabricas de rede que ajudava que tinha um ganhinho (ganho) das fabricas de rede do tear, porque o pessoal que vieram de São Bento chegaram aqui e montaram esse tear e montaram as fabricas de rede era o ganho que tinha na rua de Francisco Martins, ai deram o nome da rua Francisco Marins de tecedores porque lá era só fabrica de rede.

Gerava muita renda, dava emprego a muita gente: mulher, menino, homem... Tinha muito emprego só que os ganhos era pouco, mas dava pra eles se alimentar, fazer a feirinha.

Era media, não tão grande não, mas tinha base de 50 pessoas empregadas, entre mulher e homem.

O emprego que tinha la era esses tear essa fabrica de rede.

A fabrica de rede ia muito bem ai chegou a inflação de F.H.C, a moeda, o RU, essas coisas ai, a inflação era muito grande ai as fabricas era muito boa dava muita renda, o comercio era bom, muitas vendas para fora ate para o Pará, pra todo o estado e pra fora do estado, mas quando veio a inflação acabou tudo que hoje é praticamente parado lá.

FRANCISCO PEREIRA DE ARRUDA- Cajazeiras, 01 de novembro de 2014 às 20hs35min

*Ele também falou o que se lembrava daquela época.

- Antigamente a estrada pra Cajazeiras que ela hoje entra la pelas capoeiras, pelo Perpetão, era ali pela Vitória Bezerra, que o povo chama Pedra do Galo, entrava por ali, a estrada que tem por dentro. Ai passava ali que eu me lembro eu era pequeno, nós passava pela estrada da Vitória Bezerra, saia na praça São Francisco.

Tem um bocado de ano já isso minha fia, a estrada pra Cajazeiras não era nem asfaltada ainda, eu não sei que governo asfaltou aquela estrada, eu acho que foi Wilson Braga a estrada de São Jose de Piranhas pra Bonito de Santa Fé foi Wilson Braga, agora que ano foi aberto aquele contorno do Perpetão [estádio de futebol] ai não lembro não, mas acho que foi de 78 pra cá não?!

O bairro que o povo chama asa aquilo ali é muito velho, ali não cresceu, a cidade ficou parada ali porque antigamente tinha muita as casas de cabaré era tudo ali ai ninguém queria fazer casa ali, por isso não cresceu, Cajazeiras pra aqui (Pio X) não existia nada e já existia aquilo ali. A cidade de Cajazeiras era até no pirulito, em 80 e pouco essa Avenida Francisco Matias Rolim aqui que ia pra universidade ali era tudo estrada de terra, era despovoado ali perto das populares. Lá não aumentou porque o povo não queria fazer casa por lá, o povo não quer morar lá. Depois disso já cresceu dois tantos aqui pra cima pra lá ta no mesmo canto.

Ta quase parado, antigamente era só cabaré esse ambiente que agora não tem mais, a área é desvalorizada já e agora com esse apelido de asa pronto foi que acabou tudo.

Desde antes da década de 70 ao povo tudo que acontecia ali na Camilo de Holanda que é muito falada, porque antes não se chamava asa nem bairro São Francisco não né, chamava Camilo de Holanda e entrava pra acolá, “ferro de passar” que o povo chama. Ai tudo que acontecia matava muita gente nessa época aqui era perigoso por causa disso na Camilo de Holanda, tudo que acontecia aqui antigamente era nessa Camilo de

Holanda. Até os comício que faziam antigamente era nessa Camilo de Holanda. Acho que a avenida mais conhecida aqui é Camilo de Holanda.

Eu não lembro que data foi não, foi Wilson Furtado que colocou esse apelido de asa, porque ele foi em Brasília e lá tem uma asa sul, asa num sei o que em Brasília. Aí Wilson Furtado foi e colocou esse apelido de asa, foi Wilson Furtado.

Se você pegasse uma carroça com qualquer coisa pra vender corria para os tecedor, porque era onde tinha dinheiro, porque todo mundo trabalhava ate os meninos, mulher, um fazia um cordão, um empunhava rede, outro fazia uma varanda, os dinheirinho que corria aqui era mais nos tecedor.

ALICE SILVA GOMES (ex-moradora) – Cajazeiras, 22 de novembro de 2014 às 10hs40min

- Há quanto tempo mora, no caso morou no bairro?

Morei 35 anos

-Como era o bairro quando você chegou lá?

- Ah, quando eu cheguei lá num tinha nem casa, era só mato naquela estrada naquela rodagem ali todinha de João..., não tinha, era poucas casinhas que tinha tudo era.. Tinha a lagoa, a lagoa que juntava muita agua lá no pé do “cristo rei” cruzeiro nera, então era mato não tinha pouquinhas casa, hoje ta tudo mudado né, hoje é, tem um cabaré velho que hoje não tem mais, chamava Sete Candeeiro, as sete porta nera, tinha o cruzeiro a pedra do galo que todos ano a gente todos ano ia e continua indo ne o povo ainda tem essa penitencia que todos anos ainda vão ne pro “cristo rei” la pra la, a pedra do galo.
(Fala do Cristo Rei confundindo com a Pedra do Galo)

- A senhora chegou lá em que ano?

- Eu cheguei lá em mil e... (lembrando) eu me casei em 50 eu cheguei lá em 55.

-Quais foram os motivos que levaram a senhora a ir morar lá?

- Porque a gente era muito pobre, pobre, não tinha condição ai a gente arranjou uma casinha mais barata la aí compremos e fomos morar la, ai depois quando a gente foi miorando meu marido começou a trabalhar e eu também, a gente melhorou mais a situação ai compremos uma aqui em baixo ai viemos morar aqui, ta com 20 anos que nós ja 22 anos, depois que meus filhos morreu , meus dois filhos que morreu de

acidente ai depois disso eu fiquei desgostosa ai viemos morar, desci pra ca, compremos uma casa aqui na Sebastião Bandeira, ai dali passemos pra aqui.

- Por que as pessoas tem uma imagem ruim dos moradores? Eles têm razões pra pensar assim?

- Não, porque na minha época num tinha, na minha época era muito bom sabe, na época que morei la era muito bom, minha casa dormia era aberta, um monte de gente de madrugada vinha pedir a nós pra fechar a porta porque tava tudo aberta sabe, mas hoje a violência ta demais ne, hoje você vê as crianças lá tudo é maconhado de 10 anos de 12 anos tudo maconhado minha filha, mas lá no meu tempo era muito bom viu, era muito bom o bairro, não tinha essas violências não, era muito bom nós cansamos de os vizinhos lá que já morreram vinha era chamar nós pra fechar as portas porque as portas era tudo aberta, o povo do bairro era honesto, mas hoje ta demais, acabou acabou...

- Em sua opinião, há projetos/programas para melhoria na estrutura do bairro sendo efetuados? E nas questões sociais e culturais?

- É, depois que já depois desse tempo pra ca já ta muito melhor ja fizeram muitas obras, muita coisa boa né, posto, hospital né, muita coisa boa, ainda pode ser melhorado né, principalmente pra diminuir a violência das drogas que é demais la ne, demais, demais mesmo.. a pobreza

- Como acha que se deu a formação/ ocupação do bairro, a partir de que?

- Eram pouquinhos casas, mas de la pra cá já desenvolveu muito né, ta outra coisa, o povo foram comprando terreno construindo casa porque la era mais barato os terreno e hoje ta um grande bairro né. Graças a Deus pra mim foi tudo de bom, ate um padre eu formei né meu filho que é padre né, pra mim foi muito bom eu não me queixo de lá, pra mim esses anos que morei la foi maravilha que meus filhos foi tudo bem encaminhado, graças a deus não deram trabalho a nós de nada.

FRANCISCA ROLIM VENCESLAU – Cajazeiras, 16 de janeiro de 2015 às 15hs14min

- Há quanto tempo mora no bairro?

- Ixe. Eu tenho 44 anos e eu nasci e me criei aqui

-Como era aqui quando você nasceu?

- É a rua aqui era cheia de lajeiro, tinha uns lajeiro aqui, era rim de água não tinha água encanada porque não chegava nós botava água lá da sete de setembro, aí depois que calçou a rua que encanaram a água aí ficou melhor de água.

- Mudou alguma coisa?

- Mudou né, porque tem água tem energia, de primeiro não tinha nem energia nem tinha água e mudou muitas coisas.

- Muita coisa né (risos) muita coisa. (o que mais precisa) aqui nessa rua nós não temos nenhum vereador pra falar por nós, nem um representante de bairro aqui não tem. aí é bom ter um né pra falar pela população.

- Mãe e pai toda vida morou aqui, minha mãe quando ela menina, ela morava na vitória Bezerra que essa daí do posto num tem? Aí depois que casou é que passou aqui pra essa rua, morou sempre aqui na Monsenhor Sabino Coelho, sempre morou aqui. Nós moramos em quatro casas aqui nessa rua, só aqui, só nesse bairro aqui.

- A relação dos vizinhos entre si...

- Os vizinhos é bom né, é tudo é bom, porque aqui tudo que acontece os vizinhos corre tudo em cima (risos) só se não souber né, aqui um ajuda o outro. Tinha uma família que morava aqui, pronto passa três casas da minha, dormia tudo na calçada no chão, tudim. O povo de dona Zefinha que chama Zefinha das rata dormia tudo no chão aí na calçada em cima de papelão que elas fazia aquelas rede de mamucabo num tem, de tear? Quando elas terminava os trabalhos dormia em cima as redes mesmo em cima de papelão. (A senhora trabalhou no tear) Trabalhei, fiz trancelim, mamucabo, varanda, quando eu era moça, eu trabalhava mais para o gasto mesmo, o lanche essas coisas né, porque menino já sabe como é né, eu era criança, eu tinha meus 10, 9 anos por aí. (Depois a senhora foi trabalhar com o que) É depois eu me casei, aí meu trabalho é ali naquele croché ali óh, fico sentada ali o dia tudim fazendo meu croché em casa mesmo, doméstica mesmo né? (risos)

- Há projetos?

- Não, nenhum. Só no posto de saúde, vai ser construído outro, lá pra lá da pedra do galo. Só essas coisas de paixão de Cristo, o auto de natal, quando tem os eventos culturais que é convidado as pessoas do bairro pra participar, quadrilha, que é coisa ligada a prefeitura, aí tem esses projetos da prefeitura que convida a população não só desse bairro, mas de cajazeiras né? Aí aqui a maioria participa, dessa rua. Tem o SESC

que faz muita coisa para as pessoas do bairro, os idosos; o CRAS, ele tem projetos de cursos para as mães, para as crianças como bordado, pintura, só isso mesmo.

- Sobre a violência...

- Antes era bom, dormia com as portas abertas, em calçada tudo, não acontecia nada, hoje é mais difícil que tem a violência, tem os viciados ne, que se a gente deixar as porta aberta e sair assim quando chegar é arriscado ter carregado alguma coisa. Num é mais como antigamente que a gente podia ta mais a vontade né hoje em dia a gente num pode ta mais vontade. (a partir de quando qe começou essa violência) Ta com muitos anos isso já, de trinta anos pra ca.

Trabalhei foi anos nos tear, um bocado de tempo com Zé Biato.. As mocinhas daqui da rua nera? O divertimento que a gente tinha era fazer essas coisas, hoje em dia criança num quer mais fazer essas coisas, num quer mais brincar já fala em namoro, ainda mais com essa história de celular, com história de whatsApp ai pronto acanalha tudo mermo (risos) Tinha muita criança trabalhando la, hoje é muito diferente. Muita gente desse bairro aqui trabalhou nos tear, muita mesmo, era varanda, era mamucabo, era trancelim, era um monte de coisa, o que você soubesse fazer você trazia pra fazer, era bom demais minino hoje em dia tem mais isso não, acho que num existe mais nem um tear pra ali.

MARIA LUCENA DE ANDRADE - Cajazeiras, 16 de janeiro de 2015 às 16hs10min

*Mora à 34 anos no bairro (Chegou em 1982)

- O bairro era assim mais calmo porque hoje em dia né tem mais jovem, é mais habitado né, mas ta tudo tranquilo graças a Deus, não tem o que falar mal do bairro. Na estrutura quando eu cheguei o calçamento eu não to lembrada se tinha calçamento, mas parece que o calçamento era meio falhado, não era bom depois calçaram né, fizeram esgoto, a água tudo de cano novo, depois melhorou porque teve uma reforma

Com a falta de agua era sofrimento aqui, era a gente correndo atrás do carro pipa, era um sofrimento, indo pegar agua das outras ruas, la das palmeiras, rua Santo Antonio, São Sebastião que aqui não tinha agua, era sofrimento, a gente era com lata na cabeça, quando dava hs 5:00 da manha a gente já tava assim como as pessoas fraca do juízo era

tudo correndo atrás de água, chegava numa casa perguntava, tinha gente muito boa.. Uns vendia né baratinho, outros fazia era dava a água pra gente, dizia não pode levar a água. Graças a Deus melhorou porque só falta a água quando da assim um dirmantelo né na adutora, mas sempre vem, quando chega a gente previne quando sabe que vai ter assim um dirmatelozinho na adutora ne ai a gente já previne, enche o tanque, pote e assim vai levando, mas ta bom graças a Deus. No tempo que era sadia né, se fosse hoje eu não tinha condições porque eu sou doente da coluna, mas graças a Deus. (a senhora também carregou lata d'água na cabeça?) Eu? Era, e não faz muito tempo não, mas a gora a água ta boa. A gente ia la pra rua São Sebastião, a rua Santo Antonio, naquela época 82, 83, 85, ne 92 também era sofrimento em 92, mas agora ta melhor. Como eu lhe falei só falta agora quando da algum problema nos canos, quando dão umas concertadas nos canos que ta vazando ai concerta e a água chega, umas 03:00 hs da manha, mas o importante é que chega né, acabou aquele sofrimento da lata d'água na cabeça (risos).

- É porque meu marido às vezes comprava uma casinha na rua ai vendia ne, a gente tinha uma casa mais era bem estreitinha, ai ele vendeu ai comprou essa que é mais largazinha ainda ta por terminar e ta meio difícil porque eita as coisas ta tão difícil, difícil demais, ai meu marido morreu, fez cinco anos agora em dezembro que ele morreu, não tive direito a pensão dele que era beneficio, fiquei só com um salario e nem direito a decimo eu tenho, é um salario mínimo pra tudo, o beneficio do idoso.

- Não, não tenho conhecimento não se vai ter melhora na estrutura, mas eu não tenho conhecimento. Nunca ouvi nem falar (risos), se tem eu não to sabendo, porque sou uma pessoa que só vive em casa, aqui nunca ouvi falar.

- Sei não, tem tanta coisa né?! A rua ai, o calçamento cheio de buraco, que os carro quando vem, carro, moto, as vezes a gente se senta um pouquinho de noite na calçada que num tem quem suporte o calor ne ta só dentro de casa, ai os carro ou moto as vezes vem desviando dos buracos e tem hora que pensa que eles vão subir nas calçadas. Ai isso tem que ajeitar... buraqueira demais. E motoqueiro também, tem hora que eles passam ai impinando moto que a gente fica assim assustado com medo deles subir as calçadas. Mas também é porque eles vão desviar os buracos, muitos faz por brincadeira esse povo bem jovem, mas esses que é mais adulto eles vem mas tem que desviar os buracos. Mas é assim mesmo, a cidade ta grande, ta crescendo, ai eles ajeita num bairro

uma rua em cada bairro, eles ajeita aquela rua que ta mais esburacada, ai quando eles vem pra outra rua demora muito, ai aquelas que eles já ajeitaram a um mês dois meses já ta quase do mesmo jeito, parece que bota um material que não sustenta, ruim, péssimo, só em os carros passar já vai fofando aqueles canto que eles ajeitaram, vamos esperar que o povo tome as providencias e ajeite todas as ruas do bairro, de todos os bairros.

- Cresceu muito, pra começar ai depois do Galdino Pires era um açude que tinha chamava o açude de Bruno, ali não tem mais, é tudo casa, eu passei um dia desse ali e olhando eu chega fiquei assim minino tudo chei de casa, pra ca é casa ate no Perpetão e aumentou, aumentou muito. Posto de saúde ne que não tinha naquela época e agora tem e é bom, tem medico perto, medico bom, atende as pessoas bom também, os enfermeiros, as pessoas ne que ajuda, a agente e saúde é boa frequenta muito nossas casas, todo mês ela visita os idosos, se precisar ela trás o medico, se for o caso de uma pessoa já idosa ou que seja jovem que não tenha condições de ir no posto ela tras o medico. É... Sobre a medicina também ta legal.

- A violência eu não gosto de falar, não porque não tem. As vezes aparece assim uma confusão, alguma briga do povo que vai passando, dos bêbados ne?! Mas briga mesmo que não vou dizer né, porque graças a Deus que os vizinhos são ótimos, a gente não conhece nenhuma pessoa que seja desmantelado não. Ótima, pra mim meus vizinhos são minha família, que eu tenho família graças a Deus que é uma familhona, mas os vizinhos aqui é como se seja família. Se a pessoa sente uma coisa, que Deus o live um caso de doença ne ta todo mundo pronto pra ajudar, são uns vizinhos ótimos.

- Hoje em dia num só existe gente ruim se for da asa não, tem violência em todo canto, em todo canto tem gente boa e gente ruim. Eu mesma quando converso com pessoas gente conhecida eu digo, ai e tu mora la? Eu digo é. Eu digo, se você soubesse que la no bairro, na asa sul como vocês estão falando mora tanta gente boa, gente que tem estudo, gente que ate já é formado, é, tem gente ate que já é formado, e num mora num é nem nessa rua é la mesmo onde chama o centro da asa, né? Agora é porque o povo, eu não sei por que, que antes não existia isso não, aí depois que botaram essa conversa esse apelido de asa, tem uma cidade parece que é Brasília que tem asa sul e onde mora gente nobre, gente bacana, é como aqui e eu não sei por que o povo discrimina. Como se fosse uma coisa que tem bandido, uma coisa que num presta, tem tanta gente boa. Ai às

vezes o povo... Ah e tu mora na asa? Eu tenho orgulho, porque graças a Deus respeito todo mundo e sou respeitada, todo mundo me respeita nunca achei quem viesse ta com liberdade ou querer ta com baixaria não, pra mim é ótimo. Olhe, cada um que vive sua vida do jeito que quiser né? E entender, num vem mexer comigo, num vem me desafiar, me desmoralizar pra mim ta tudo bem, graças a Deus.

****Sobre os cabarés...*** Em sessenta e pouco, em 1963, eu tenho conhecimento porque eu lembro que era antes la na rua da cadeia pra acolá, ai depois mudaram fizeram ate onde chamam com licença da palavra Cabaré velho ai mudaram pra lá né? Mais que era pra aqueles lado lá, não sei onde era que a pessoa não ia, mudaram porque acho que ali ficava muito centro né e pra lá já era mais isolado e lembro um dia era tanto carro passando, ai eu disse: que tanto carro é aquele. Eu morava na outra rua ai meu marido disse é o cabaré que ta se mudando pra acola. Ninguém andava pra lá né que jamais, Deus me livre (risos).

FRANCISCA BETÂNIA SILVA PEREIRA- Cajazeiras, 29 de março de 2016 às 14hs15min

Agente de saúde do bairro.

Nascida e criada no bairro – 39 anos

-Você se lembra como era o bairro? Teve melhorias?

- Com certeza, tinha poucas casas, já tinha essa escolinha porque eu comecei a estudar ai com sete (07) anos, aqui não tinha calcamento, não tinha saneamento básico, era a maioria dos cercados era de Maria mole e o açude de Bruno que chama, vinha por trás da escolinha aí, o pessoal lavava roupa lá. Aqui era terra, esgoto a céu aberto, muito mato, poucas casas, pouquíssimas casas. Que eu me lembro que eu fui criada com minha vó e era uma referencia também, que eu acho que você ouviu falar de “Mãe das Dores”, que ela rezava, era rezadeira ai só tinha a casa dela, da minha mãe, de uma senhora ali em cima, a escola e pouquíssimas casas pra lá e bem pouquinha aqui, no máximo acho que tinha umas 15 casas juntando tudo por aqui. Ai aos poucos foi crescendo aumentando o pessoal que vinha morar pra cá e construir a casa própria.

O saneamento básico da época ou era construída pela família com fossa ou então a prefeitura vinha fazer aqueles banheiros comunitários não sei se você lembra também,

era tipo laje, umas lajes com fossa também. De comercio mesmo que eu me lembre só tinha essa escolinha aqui, não tinha o posto de saúde, não tinha quase nada e tinha o chafariz que o pessoal pegava agua ou então pegava agua lá no Açude Grande, pronto. E o pessoal o que vendia carvão na carrocinha porque a maioria do pessoal não tinha fogão elétrico a gás era tudo no fogão a lenha e o comércio funcionava desse jeito, o pessoal vendendo carvão ou outras coisas, lenha também nos burrinhos, nas carrocinhas.

-Como você acha que se deu a formação do bairro?

- Como eu disse foi aos poucos, vinha gente de outras cidades, vinha comprava o terreno e ia construindo, a maioria das casas era de taipa também, poucas casas de alvenaria. Foi aos poucos, não foi assim rápido não, foi lentamente foi construindo, não foi rápido e o comercio girava em torno do que disse antes era carvão, o pessoal vendia agua também que tinha muita gente que não tinha coragem de ir pegar lá ai eles vinham vender lata d'agua essas coisas no burro, carroça d'agua essas coisas, funcionava nesse sentido.

- Hoje a sociedade cajazeirense tem uma imagem negativa do bairro, em sua opinião o que causou essa visão nas pessoas?

- O estigma que sempre associa como diz o apelido denominado “asa” à violência, à prostituição, comércio de drogas, vagabundagem né, o usuário, esse estigma foi sempre pegou e tá pegando ate hoje, mesmo a gente sabendo que não é só aqui que acontece essas coisas, mas em outros bairros, mas o que mais pega é aqui por conta disso, já foi levado a muito tempo isso aqui, o comercio de drogas e o pessoal liga só a que, a prostituição, usuários e a vagabundos né?! Assassinos, porque aqui tem também o que? Gente que trabalha, gente que estuda, tem gente que rala muito, tem dois três empregos, que tenta estudar conseguir alguma formação melhor, mas infelizmente que cai mais é o lado ruim, não é o lado bom que a gente leva. Eu mesmo graças a Deus depois que comecei sou agente de saúde há 15 anos, depois que eu comecei a estudar sou formada em geografia, com muito sacrifício, pegava carona vinha às vezes a pé, me formei na UFCG em geografia, três anos atrás fiz especialização em saúde da família e terminei o técnico de agente de saúde também. Meu irmão esta em São Paulo e tá fazendo doutorado em física começou aqui achou fraco o estudo foi pra Campina Grande e de campina agora foi pra USP e tá terminando o doutorado, próximo ano ele já termina.

Então a gente não tem que ligar só o lado ruim da coisa não, tem gente aqui que é humilde, que trabalha que não gosta dessas coisas como o povo fala de droga essas coisas, mas infelizmente você tem que ver que aqui você anda é uma casa de comercio de droga e uma casa de família. Hoje a gente não pode dizer vamos separar isso não existe, que quem aluga casa não quer saber quem vai morar dentro, só quer saber que recebe o pagamento do aluguel, não quer saber se vai trazer perigo, roubo ou outras coisas piores e aqui existe gente que rala, que trabalha, mas infelizmente o que pega é o lado ruim. É triste admitir eu não tenho vergonha, todo canto que eu ando e me apresento, nasci e me criei aqui e eu gosto muito daqui, eu ando a qualquer hora da noite, duas horas da manha se precisar, graças a Deus nunca aconteceu nada, mas quem que vai também está duas horas da manha na rua, só se for uma coisa necessária né! Então eu infelizmente fico triste por conta disso, porque o que pega mais é o lado ruim não é o lado que você vai procurar saber quem é fulano, quem é sicrano não, só vai saber o lado ruim da coisa, o lado negro, não quer saber que tem gente que trabalha que é humilde, mas que procura fazer o que é necessário para o bem comum, não só quer saber do lado ruim da coisa.

- Qual sua visão do bairro São Francisco?

- Eu acho, vou pontuar uma coisa que acho que os políticos, os gestores teriam que investir mais aqui, em que? Quadra de esportes, porque ia tirar os adolescentes da rua, tipo associações e cursos fortes pra profissionalizar o pessoal, o acesso, dar mais acesso, aqui é muito esquecido, aqui tem uma creche, mas é aqui no bairro capoeiras, aqui não tem uma creche aqui no bairro mesmo da gente não tem uma igreja, não tem, não tem uma igreja, era pra ter o que? Uma igreja, associações que buscassem cursos profissionalizantes para o pessoal investir, porque tirando o pessoal da rua vai tirar do mau caminho, o jovem da droga, da má influencia. Porque hoje em dia as pessoas querem se enquadrar e naquele caminho que o pessoal ta, porque se você não se enquadrar naquela formação, naquela turminha de fumar, de beber você não é aceito, mas o jovem ainda tá com o que? A cabeça ainda tá em formação né “não eu vou no que eles querem, porque meu pai e mamãe são caretas” não querem seguir o conselho dos pais, vai no conselho dos amigos. Tem muita criança aqui que eu vi nascer e crescer e eu fico triste que tá no uso da droga, a mãe fica desesperada tentando buscar um tratamento, o acesso é complicado para conseguir um tratamento, ai o que? Termina o

que com 18, 19 anos morrendo, já aconteceu muitos aqui. Vamos supor, tem três caminhos: ou você tem força de vontade pra tentar deixar, ou você é preso ou você é morto. Existe essas três opções, mas infelizmente essas duas ultimas é que vem mais, é a que prevalece.

- A senhora já sofreu algum preconceito por morar aqui no bairro?

- Sempre, não eu, eu não porque se eu ver que tem preconceito eu digo logo, mas a minha filha já no comercial, ela me diz sempre que foi discriminada lá, porque no comercial é mais a sociedade ne que vai também estudar lá?! Mas ela também não leva desaforo pra casa não, o que ela ver que tá tendo preconceito abre o bocão e diz também o que tá acontecendo na realidade, porque aqui não é formado só de gente que é usuário e usuário também é humano, não é verdade?! Qualquer um pode cair infelizmente nesse vicio, tem gente que cai depois de 40 anos, não é só criança não de 16, 17 anos não, que eu já vi caso aqui de gente que teve um desapego amoroso, uma decepção muito grande ai usa só uma vez, só precisa uma vez e cai e não volta mais ai o pessoal tem que ver por esse lado ai que quem usa também é humano precisa pelo menos de uma chance, quando você der uma chance que a pessoa não quiser essa chance ai você pode meter o aço em dizer/ter preconceito e tudo mais. Minha filha infelizmente já sofreu essa parte ai do preconceito, mas ela também diz que foi difícil, mas foi conseguindo tirar isso, ela não cala. Porque o perigo hoje é você calar e aceitar as coisas erradas, graças a Deus eu não percebi preconceito comigo, porque quando percebo eu falo, porque eu quero uma imagem do meu bairro quando eu era pequena, que era tranquilo, que era de gente trabalhadora, que não tinha essa maldição da droga, porque eu não acho o mal do século outras coisas não só acho a droga. Envolveu com droga é pai, é mãe, é vizinho, é amigo, tudo vai no rolo da destruição não é só aquela pessoa que usa e quem está associado, quem está no meio que ver não pode fazer nada, é muito triste. Eu me ponho no lugar, eu agradeço todo dia a Deus porque meus filhos não se envolveram, porque é um ambiente que a gente tá é propicio pra isso, é fatal e graças a Deus tem muitos aqui que cria os filhos e nunca se envolveu nisso, os meus não fumam, bebem assim de vez em quando, quando vai numa festa, mas pra tá todo dia bebendo não, nem fumam cigarro nem nada. Eu agradeço a Deus por isso, porque o ambiente que a gente tá é propicio pra acontecer essas coisas, não só aqui, mas em todo canto, mas infelizmente a gente sabe que o ambiente que a gente mora tá muito contaminado, aqui tem uma boca, ali tem

outra e a gente não pode dizer nada, você vai dizer o que? A casa num é minha, a gente não pode mandar na casa do vizinho né?! E eu dou graças a Deus quando sai pra outro local, porque infelizmente é complicado conviver você vendo que ali esta destruindo famílias, várias famílias, num é só uma nem duas não são varias. Porque leva o que? A roubar, não come, pega doenças fatais como às vezes tuberculose e outras doenças piores porque favorece né?! Eu fico muito triste porque a gente tá vendo que cada vez mais tá aumentando o numero de usuário, é difícil, mas é uma realidade, a gente não pode dizer que não existe né, é uma realidade feroz, mas é.

MARIA DE LOUDES SILVA PEREIRA - Cajazeiras, 29 de março de 2016 às 15hs32min

61 anos que mora no bairro

-Você se lembra como era o bairro? Teve melhorias?

- Lembro era mato, só tinha mato, lama, muita lama, agora tem mato mais não é tanto né?! Ah agora evoluiu muito, mas quando a gente chegou aqui só tinha duas casas, aqui minha mãe construiu que hoje é a capelinha e uma casa ali em cima, não tinha mais nada e o açude, chamava o açude de Bruno, ai tá aí nesse resultado ai. Aqui é um bairro muito esquecido viu, aqui é, e muito discriminado por ser asa, mas eu gosto daqui. Gosto daqui, eu já criei oito filho aqui graças a Deus, meus filhos são boas pessoas, num é que eu seja mãe não mais são boas pessoas meus filhos. Nunca vi eles se envolverem em nada errado. Tem a mais velha que é Betânia agente de saúde, uma dona de casa, tem seu emprego. Tem o meu caçula tá se formando doutorado em São Paulo e tem essa que mora aqui (apontando) que trabalha no deposito do Armazém Paraíba. Tem outra que é gerente do boticário, a Marta e essa que mora na esquina e tem um filho, tudo aqui é filho. Aqui é um ninhozinho (risos) aqui é tudo minha família, só tem a Marta que mora mais distante que mora ali do outro lado, mas o resto é tudo aqui pertinho. Eu gosto muito daqui, apesar de vim pessoas de fora pra querer bagunçar aqui eu gosto daqui, estou tão acostumada que às vezes eu nem me vejo morando fora daqui, eu já conhecida já sou conhecida, todo mundo me conhece aqui. Agora esse meu fi que mora que tá estudando em São Paulo fala de sair daqui mais eu não me vejo saindo daqui não.

-Como você acha que se deu a formação do bairro?

- Assim, foi chegando pessoas né e construindo ai foi evoluindo né, foi crescendo aos poucos, ai tá ai já tem grupo escolar, tem um posto que é do outro lado de saúde, é foi vai chegando gente comprando terreno construindo e vai aumentando né a comunidade.

__ Mas a senhora acha que o bairro é muito esquecido. __ Eu acho se acontecer alguma coisa aqui e você às vezes, eu digo assim porque às vezes acontece uma ocorrência ai você liga pra policia né demora, demora, quando vêm eles aparecem aqui sem ver de que passa dois, três carro, mas quando você precisa não aparece e eu acho esquecido assim pelas autoridades municipais, porque ninguém visita aqui, só visita quando é na época de eleição ai aparecem muitos. Eu digo esquecimento nesse termo ai né?! E agora principalmente que agora tá esse chamego com os politico atrás de tirar governador é politico contra politico tudo da mesma panela tudo contra uns aos outros aí quem sofre? Somos nós, porque agora se a presidente sair que eu acho difícil ela sair, eu por mim tanto faz ficar como sair aí a crise piora, porque o que tá havendo projeto que tá em caminhamento já vai, acho que fica pior, é isso.

- Hoje a sociedade cajazeirense tem uma imagem negativa do bairro, em sua opinião o que causou essa visão nas pessoas?

- Mulher eu acho que é devido tudo quanto é ruim só acontece aqui, porque assim não somos nós que moramos aqui, porque tudo no mundo foi na asa, foi num sei aonde né foi na asa, vem de lá se acontece um roubo de onde foi fulano é da asa é num sei o que, pode ser preso lá fora, mas vai dizer que é morador daqui, vai caindo sobre a asa né e aqui tem tanta gente boa só você vendo quanto tem, mas ninguém nem Jesus agradeu a todo mundo né?! Ai é assim.

- A senhora já sofreu algum preconceito por morar aqui no bairro?

- Já, eu já. Faz tempo que foi logo quando tinha um centro social urbano ali né teve curso de costureira, é porque ela não está aqui ela foi embora daqui aí à gente foi e se inscreveu aí quando eu disse onde morava porque eu não vou negar minha origem eu disse aí ela olhou bem assim a que tava inscrevendo aí eu disse pra minha cunhada “oh cumade nó num vamos ser chamadas não “ela disse ‘por quê?’” fomos não e pessoas que não sabiam nem pegar numa tesoura, que eu já tinha minha cunhada já tinha, porque entrei num treinamento de costura, mas não fomos chamadas, eu acho que foi

por isso , pelo bairro que a gente mora. Quando a gente disse que morava aqui ela olhou assim bem depressa como que pensando “ali só mora bandido”, mas não é assim, mora gente boa, gente de bem, trabalhadora, em todo canto tem gente que, lá no centro tem gente ruim e eu conheço filhinho de papai que é, aí não adianta ne. Mas você veja que só cai para o mais fraco, o mais fraco é quem paga, arreventa só para o lado do mais fraco.

WILSON FURTADO – Cajazeiras, 03 de março de 2016 às 10hs20min

1-Como e por que veio a ideia desse apelido “Asa Sul” colocado no bairro São Francisco?

2-Você se lembra como era o bairro na época? Teve melhorias?

3-Hoje a sociedade cajazeirense tem uma imagem negativa do bairro, em sua opinião o que causou essa visão nas pessoas? Qual a sua visão do bairro São Francisco?

4-Como acha que se deu a formação/ocupação do bairro, e a partir de que?

Respostas

- 1- Tudo começou na década de 80 quando eu fui fazer uma cobertura jornalística no Distrito Federal em Brasília, na verdade foi a posse da Assembleia Nacional Constituinte, os deputados constituintes tinham sido eleitos naquela época 1986 e eu me hospedei na Asa Sul de Brasília. Como todos sabem Brasília ela tem uma área geográfica como se fosse um avião dentro do seu plano, tem Asa Norte e Asa Sul e eu me hospedei na Asa Sul e quando eu me hospedei lá eu me lembrei da zona sul de cajazeiras, que na época era denominada de “Asa do Cabaré”, todos sabem que é um nome pejorativo e como eu estava na Asa Sul de Brasília, um local muito agradável, de boas residências, de uma infraestrutura invejável eu me lembrei da Asa sul de Cajazeiras que se chamava na época “Asa do Cabaré” e tive uma ideia de quando eu chegar em Cajazeiras vou procurar o representante da área lá e vou buscar modificar aquele nome pejorativo de asa do cabaré de zona sul e foi isso que eu fiz, passei em Brasília uns trinta dias, fui pra passar três dias passei trinta, porque houve uma greve na época aeroviária, tava parado avião, trem, ônibus, fiquei sitiado em Brasília, não conseguia voo aqui pra Paraíba fiquei com alguns companheiros jornalistas e nós tivemos boas ideias durante esse tempo lá, fazendo cobertura jornalística do congresso e nasceu essa ideia de denominar a Asa do Cabaré de Asa Sul como Brasília tem

Asa Sul. Chegando aqui eu procurei o vereador da época que representava o setor da zona sul de Cajazeiras que era o vereador de João de Manoelzinho, fiz essa proposta a ele, ele achou interessante disse “elabore o projeto que eu apresento na câmara” e ai eu elaborei o projeto denominando a zona sul, asa do cabaré de Asa Sul e foi aprovado por unanimidade na época foi assim que nós tivemos essa ideia de criarmos a asa sul de cajazeiras espelhada na asa sul de Brasília que é o local muito agradável, muito nobre e que graças a Deus de um bom tempo pra cá a Asa Sul de Cajazeiras também melhorou bastante, porque lá tinha uma zona que era prostíbulo, como a asa do cabaré foi denominada pelo um integrante lá da área, um líder da comunidade lá que se chamava **Wilson Moreno** ele zona sul ai começou a falar asa do cabaré ai ficou por um bom tempo asa do cabaré. ****Eu __Mas aqui já tinha “asa’ do cabaré” né?!*** -- É já tinha asa do cabaré que era um nome pejorativo, apenas eu aperfeiçoei e trouxe uma situação é que eu vivi durante uma cobertura jornalística para a cidade que eu moro que eu aprendi a gostar e que Cajazeiras é um amor de paixão, eu gosto muito da cidade de Cajazeiras, não nego meu xodó, eu sou de Bonito de Santa Fé adoro minha cidade, mas não escondo meus amores por Cajazeiras. ****Eu __ “Então, já existia o nome São Francisco, bairro São Francisco?”*** -- Não, bairro São Francisco veio depois porque o próprio vereador da época ele criou junto com a comunidade e fez um espaço, uma praça com uma estatua de São Francisco, ai já é uma outra historia, a pracinha São Francisco. Que tinha muitos romeiros que iam pro Canindé, uma vez conversando com João de Manoelzinho ele me disse “olha tinha idosos que tinha que pagar promessas lá em São Francisco de Canindé e ai a gente teve que colocar essa estatua lá pra encurtar essa viagem e como forma também de reverenciarem o seu santo aqui na cidade de Cajazeiras”, pelo menos foi que em tese ele me passou na época. ***Eu --- Eu já morei perto da asa e me lembro que quando eu era criança colocaram uma televisão lá e usavam para que quem não tivesse pudesse assistir na praça.*** É verdade, eu também sou um morador da Asa. Eu me sinto assim, porque quando eu cheguei eu era muito jovem eu cheguei com 6, 5 anos aqui em Cajazeiras eu morei na Asa, nas proximidades dali da Praça Padre Cicero, da Praça Camilo de Holanda, depois me transferi para uma das principais avenidas que dá acesso a Asa Sul que é a Avenida Engenheiro Carlos Pires de Sá e quando criança eu também frequentei a pracinha São Francisco, a Praça Padre Cicero e aquela extensão da Avenida Engenheiro Carlos Pires de Sá que é uma longa história (risos).

- 2- Eu me lembro, inclusive quando se chamava asa do cabaré tinha o chamado “Sete candeeiros” e na minha adolescência os nossos pais ficavam muito alerta e dizia “oh não vai pro sete candeeiros não” e isso aguçava dentro da gente, que tudo que é proibido ficava porque não ir ao sete candeeiros? E numa escapulida ou outra a gente queria saber o que era que tinha nos sete candeeiros, eu pelo

menos perguntava aos meus irmãos “ei como é os sete candeeiros?” descreviam na época que eram sete casas que tinham bares, que tinham mulheres, que frequentavam a asa do cabaré, porque na verdade o cabaré já existia antes da asa sul que era ali próximo ao mercadinho e depois a cidade foi crescendo resolveram transferir o cabaré ali próximo ao mercado público do setor sul para aquela estrada de Jatobá que era exatamente a asa sul de hoje que era a antiga saída para São José de Piranhas, naquela época chamada de Jatobá e ai transferindo pra lá tinha essas sete casas, que chamava os sete candeeiros e tinha a extensão também da Vitoria Bezerra que tinha algumas casas sim outras não que tinha os prostíbulos e tinha os bares, tinha as mulheres que chamam mulheres de vida livre, mas toda mulher tem vida livre (risos) eu não sei por que dizem mulher de vida livre, apenas era um modo de falar e ai vinha jovens de outras cidades que se instalavam lá, tinham um pessoal que era chefe de bar, e essa coisa era o chamado cafetão ne que agenciava essas mulheres e que transformou, por isso que deram o nome, eu acho, na época asa do cabaré, porque tinha muitos cabarés instalados em diversos pontos e depois foi se familiarizando essas casas ne de bares também foram disseminando, foram saindo para BR 230 no caso já existiam as mangueiras de Lilia e outras coisas mais e aos poucos foram se instalando ate na Praça Camilo de Holanda tinha uma senhora que era muito famosa que ela tinha também e em vários setores da cidade num só era a asa sul hoje bairro São Francisco que só tinha lá e em outros setores da cidade também tinha os chatôs, os bares e que tinha a presença dessas mulheres. *Eu – e o que o senhor acha que mudou de lá pra cá?* -- Muita coisa, a cidade avançou, hoje tem posto medico, houve uma mudança da saída para São José de Piranhas com a BR 230 sendo modificada e a PB 400 já não é obrigatoriamente sair como antes só saia para o Ceará se fosse pela Asa Sul, hoje a Vitoria Bezerra não é a principal, existem outras duas ou três avenidas que dão acesso a essa saída do Ceará. O bairro em si ainda é muito carente de alguma coisa da infraestrutura, no caso esgotamento sanitário, a falta d’agua é permanente, eu acredito que deviam construir uma caixa d’agua pra melhorar a distribuição do precioso liquido pra aquela área da cidade e também ate do ponto de vista comercial, durante um bom tempo com esse nome pejorativo as pessoas não queriam investir naquela área da cidade, mas que com o passar do tempo o cenário é outro completamente diferente, já existem investimentos naquele setor que hoje as pessoas acredito eu que possa ter tirado esse bairrismo deixado de lado e que a maioria das famílias de lá são trabalhadores, apesar que hoje tem o foco do trafico que não é só de lá, muitos bairros da cidade também existem, como todo outro bairro tem famílias carentes, tem famílias que financeiramente se destacam diante da sociedade, mas um bairro em si que eu quando alguém quer cutucar meus calos digo “oh cuidado que eu sou da asa” (risos) isso pelo menos ainda é algo que serve de escudo pra gente que durante um bom tempo morou na asa ou pelo menos conviveu com aquele povo bastante hospitaleiro,

bastante humano e uma gente que como a gente mesmo galgando outros espaços a asa vai fazer parte da nossa historia.

- 3- Eu acho que essa questão de bairrismo principalmente da parte de alguns de tentar discriminar depende muito de cada um de nós, eu não me sinto discriminado por ter morado ali na porta de entrada da asa sul e ter convivido com pessoas Porque tinha muitas pessoas de bem da asa como também tinha pessoas que infelizmente não tiveram sorte como em todo e qualquer lugar, eu acho que o melhor bairro de Cajazeiras eu pelo menos quando garoto jogava bola com o pessoal da asa com as pessoas também do centro da cidade e existia a Barão do Rio Branco e tinha alguns craques da Barão do Rio Branco que não se deram muito bem e eram filhos de famílias abastardas e muitos amigos meus colegas de infância hoje são médicos, são advogados, são professores, são doutores e que moravam na asa. Eu longe de mim essa discriminação e eu me sinto muito bem em dizer que morei bem pertinho da asa, na porta de entrada da asa e se eu tivesse morado na asa isso não me incomodaria, eu acho que esse bairrismo besta tem mesmo é que acabar esse preconceito e deixar de lado essa coisa boba que nos dias atuais não leva a nada.
- 4- Olha como todo e qualquer outro que tenha suas dificuldades e busquem suas necessidades o bairro São Francisco não é diferente dos demais, ele apenas se destaca por ter passado por um processo doloroso porque antes tudo que acontecia de ruim “Ah, na asa”, mas hoje o setor Norte de Cajazeiras que é a parte maior da cidade e é onde tem o maior numero habitacional, inclusive parece uma nova cidade tem as nossas asas, eu acho que o Pio X e outros bairros não são diferentes da asa de antigamente, hoje a asa é um lugar bom de se morar e bom de se viver e que hoje existem muitas famílias de bem e quem investir lá num vai se dar muito mal não, eu passo por lá, posto de combustível reformado, bem instalado, panificadora já com padrão moderno, depósitos de gás, também na questão de material de construção tem um grande empreendimento lá e um cidadão que viu a cidade crescer e a necessidade de construir um grande galpão de estoque e outras outros atrativos, eu acho que cada um fazendo sua parte seja em que local for a coisa vai se desenvolver e vai criar a nova perspectiva e lugar bom de se morar é onde você ganha sua vida de forma honesta de forma que o seu suor esteja valendo a pena.

ANEXO 2: IMAGENS

Figura 1: Rua Vitória Bezerra, rua principal do bairro São Francisco. À direita da imagem o posto de saúde Amélio Estrela. Fonte: Imagem feita pela própria pesquisadora, no dia 29 de março de 2016.

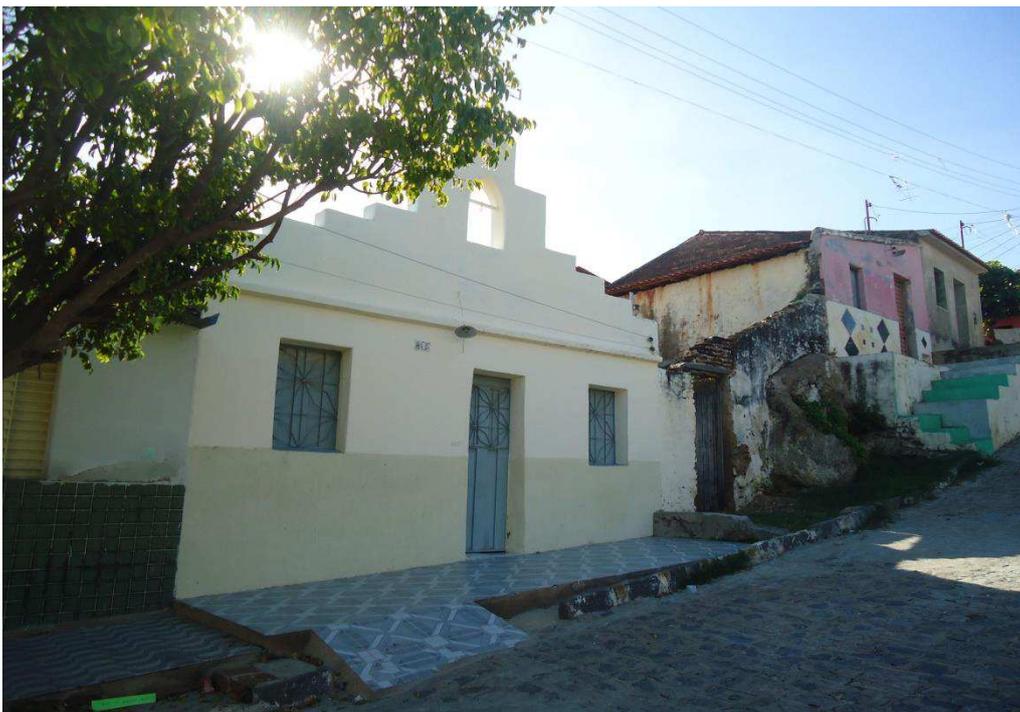


Figura 2: Capela construída pela rezadeira “Mãe das Dores”, mãe de uma das entrevistadas e hoje se encontra sobre os cuidados da família. Fonte: Imagem feita pela própria pesquisadora no dia 29 de março de 2016.



Figura 3: Criança brincando de “bila” ao lado de uma escola Galdino Pires Ferreira. Fonte: Imagem feita pela própria pesquisadora no dia 29 de março de 2016.